



Que tipo de padre queremos?

Ano 31 | nº 232 Setembro / Outubro 2013

A idéia do texto: começa com a situação atual enfocando os problemas e dificuldades da situação presente, e daí vai a uma reflexão em torno do que se necessita.

1. Não queremos alguém que sente que tem vocação ao sacerdócio e que foi chamado por Deus.

É necessário não perder de vista a comunidade, base do serviço presbiteral: é a comunidade quem chama alguém para que desempenhe um serviço.

2. Não queremos alguém que foi separado da comunidade e ilhado durante seis (ou mais) anos para sua preparação.

A correta maturação como líder na comunidade só pode suceder dentro da comunidade: desenvolvimento emocional, habilidade para estabelecer relações, capacidade de diálogo, destreza na comunicação.

3. Não queremos alguém que aterrissa como um paraquedista vindo de fora da comunidade: modelo: "alguém um padre".

Nossa teologia, nossa espiritualidade devem estar encarnadas na realidade. Deve ser permitido crescer desde as raízes da própria cultura, nacional e local.

4. Não queremos um padre que se vê a si mesmo como um "cargo".

É a comunidade que está a cargo de si mesma e deve estar autorizada a desenvolver os mecanismos para viver e fazer crescer sua vida. Muitos padres se sentem angustiados pelo tremendo sentimento de "ser os responsáveis".

5. Não queremos um padre que se vê a si mesmo como o gerente da fazenda paroquial.

O setor apropriado de atividade é a pregação e o crescimento espiritual dos membros da comunidade, incluído o padre, vivendo suas vidas como membros do Reino de Deus.

6. Não queremos necessariamente alguém altamente qualificado nos campos da teologia dogmática, da história e do direito canônico.

Deveríamos refletir sobre quais devem ser as exigências de uma teologia mais pastoral: com toda certeza destrezas na comunicação e na homilética, qualificações educativas. Um profundo conhecimento nos conceitos básicos da sagrada escritura para fazer acessível a palavra de Deus na eucaristia da comunidade: como se sofre frequentemente nos bancos das igrejas!

7. Não queremos um "frentista de gasolina": um padre cuja tarefa principal é simplesmente rezar missa e administrar os sacramentos.

Buscamos muito mais padres eleitos com tempo e oportunidade de atuar nos múltiplos aspectos da vida da comunidade.

8. Não queremos um padre exclusivamente célibe (solteiro).

O padre pode ser célibe ou não, mas isto não deve ser visto como parte do seu ministério presbiteral. Psicologicamente isto se põe fora de grande parte da vida da comunidade.

9. Não queremos um padre que não é representativo da comunidade.

Faça-se uma contagem da proporção de homens e mulheres nos bancos de uma igreja e terminemos com a discriminação.

10. Não queremos um sacerdote submisso, um "homem do SIM", impenetrável e inflexível debaixo da lei e do mandato episcopal.

O evangelho é um evangelho da liberdade para o serviço. Precisamos de pessoas de coragem, preparadas para atuar de acordo com sua consciência. A habilidade de expressar-se e dialogar, tanto com a comunidade como com a instituição é essencial.

11. Não queremos um padre



sabichão.

O padre seja um grande aprendiz da vida, capaz de desfrutar com sua comunidade - como o pai de família em Mateus 13 - de forma que encontrem "coisas novas e coisas antigas" no armazém do Reino de Deus.

12. Não queremos um padre que leve sinais de superioridade e isolamento.

A vestimenta e o estilo de vida devem ser como os da comunidade.

13. Não queremos um purista da liturgia para quem as rubricas sejam mais importantes que o conteúdo.

A flexibilidade, a experimentação e a aprendizagem desde seus passos são a única maneira de crescer juntos.

14. Não queremos um

padre cuja visão se limita pelo que sempre temos feito.

Necessita-se imaginação, pensamento fora do fechado, de forma que com sentido da história possamos aproveitar a vida, trocar realmente a tradição de nossa comunidade. Necessita-se de uma perspectiva para adentrarmos com audácia no futuro.

15. Não queremos alguém que se vê a si mesmo como um "outro Cristo".

Esta arrogância eleva o padre acima do Povo de Deus, do corpo de Cristo. O padre só preside desde o altar como representante da comunidade, da qual é a celebração.

Joe Mulrooney, Advent, UK
Fonte: site web de la Fédération Européenne de Prêtres Catholiques Mariés
Tradução de Giba

ÍNDICE

3 BISPOS EMÉRITOS
ESCREVEM AOS BISPOS
DO BRASIL
PÁG 04

A REVOLUÇÃO DE UMA
VERDADEIRA TEOLOGIA
DA MULHER
PÁG 05

"ABRAM AS PORTAS"
PÁG 06

VIVENDO DE MÁSCARAS
PÁG 07

E SE FICARMOS SEM
SACERDOTES?

INDULGÊNCIAS
PÁG 08

A TEOLOGIA DA
LIBERTAÇÃO E O NOVO
PONTÍFICE
PÁG 09

FRANCISCO E O PÂNICO
DA "DIREITA" ECLESIAL
PÁG 10

A PLEBE E A NOBREZA
PÁG 11

CARTA DE UM IDOSO
PÁG 13

AS MULHERES
PRESBITERAS EXIGEM
DA IGREJA

É O MINISTÉRIO
FEMININO UM DOM OU
UM DIREITO?
PÁG 14

UM CONCÍLIO DE TODA
A CRISTANDADE?
PÁG 15



EDITORIAL

Amigos(as), nossa vida continua, mesmo depois da visita do Papa Francisco ao Brasil.

Nosso jornal Rumos também continua, mesmo depois da dolorosa informação da tesouraria de nossa Associação que dispomos de verba financeira para apenas mais duas edições do jornal: esta e a de novembro.

Mas talvez continue por pouco tempo, pois sua sobrevivência para

2014 é duvidosa, talvez impraticável!

Conforme publico em nota na contracapa (página 16), o jornal escapará da morte se os muitos leitores do jornal eletrônico e os poucos assinantes do jornal impresso assumirem uma postura amiga e colaboradora de presentearmos neste final de ano (presente de Natal!) a tesouraria com um bom número de assinaturas (40,00).

Que nosso jornal, já com 31 anos de existên-



cia, possa continuar vivo por muitos outros.

É o que espero, como editor.

Giba

gilgon@terra.com.br

Carta do Presidente aos leitores

Caríssimos irmãos e irmãs, saúde e paz!

O nosso Jornal Rumos chega a mais um número de suas edições e é exatamente com muita dedicação do nosso Gilberto (famoso Giba) que ainda temos fôlego para mantê-lo.

No nosso último encontro nacional em Fortaleza decidimos que ficaríamos com o jornal impresso para atender aos colegas que não dominam com facilidade a internet. Mas queremos compartilhar que tal decisão tem um preço. Necessitamos da contribuição financeira de todos os assinantes para continuarmos com nosso trabalho informativo e que na verdade é a voz do nosso Movimento de Famílias dos Padres Casados no Brasil e que se espalha pelas redes sociais para o mundo inteiro.

Ao longo da nossa caminhada todos nós sabemos como nosso Movimento tem visibilidade na mídia e na sociedade Brasileira. O Jornal Rumos tem o caráter de não só infor-

mar, mas formar opiniões, por ser um trabalho elaborado por gente competente, com o diferencial de tratá-lo como um filho, pleno de cuidado e dedicação.

Nesta perspectiva me reporto ao grande filósofo Sócrates que inteligentemente fez da ironia a melhor forma para se chegar ao conhecimento. O seu método denominado maiêutica nos apresentou de forma brilhante a melhor forma de chegar ao conhecimento, e neste sentido todos somos interpelados a produzir novas idéias a serviço da vida para edificação de uma sociedade mais justa e humana.

Quero convocar a todos os padres casados, nossas cunhadas, sobrinhas, bispos e padres da ativa, religiosos(as), amigos e amigas leigas a assumir o nosso Jornal com muita generosidade, assinando-o ou renovando a assinatura para 2014.

Dentre outras atividades ainda necessitamos elaborar o nosso catálogo de endereços em âmbito nacional. Com a graça de



Deus e o apoio de todos almejamos finalizá-lo até o próximo Encontro Nacional em Curitiba - PR, em janeiro de 2015.

Não esqueçamos, também, de contribuir com reflexões para o nosso Encontro Nacional; e que ele seja, de fato, um momento de valorização das nossas Famílias. E que nossos filhos possam se sentir participantes ativos e não meros convidados. Semeemos, então, irmãos e irmãs, a boa nova de que o nosso Movimento não está engessado nas amarras de uma igreja conservadora, mas que estamos a serviço da comunidade e no seguimento dos passos de Jesus.

COLEÇÃO DE DVD

Caro Giba, sou padre Casado Anderson Menezes esposo de Paula Roberta. Infelizmente, não pudemos comparecer no encontro de Fortaleza, pois Paula fez um concurso na mesma data do encontro.

Fui Padre Salesiano e deixei o ministério em 2011. Moro em Maceió e sou professor da Universidade Federal de Alagoas.

A Editora Paulus lançou uma coleção de DVDs sobre Jurgen Habermas da minha autoria. O 1º volume (Habermas e a Religião); o 2º volume (Habermas e Ratzinger),

o 3º volume (Habermas e a Educação) e por fim, no 4º volume (Habermas e a Escola de Frankfurt). Lancei esta coleção na Universidade Católica de Recife e estarei lançando em agosto na Faculdade Católica São Tomás de Aquino e na Faculdade Salesiana do Nordeste em Recife.

Gostaria muitíssimo que este material fosse divulgado no Jornal Rumos pela circulação que tem e pela minha adesão espiritual e afetiva ao mesmo.

Anderson Menezes
alencarsdb@bol.com.br

LIVRO

Gostaria de noticiar para a Associação Rumos que acabo de lançar o livro Fora da Ordem: Do claustro ao mundo secular. Ele resulta de pesquisa que fiz sobre a adaptação de ex-religiosos à vida civil.

Entrevistei ex-jesuítas que deixaram a Ordem nos anos 60 ou 70 e que haviam tido sua formação no período anterior ao Concílio. As entrevistas focalizaram a experiência daqueles tempos, a adaptação pós-saída e a atual atitude para com a Igreja, a fé cristã e a religião. Entrevistei também ex-seminaristas, todos eles tendo saído com dez anos ou mais de claustro, mas não ordenados padres.

Com esse texto espero trazer uma pe-

quena contribuição para o entendimento do modo como a Igreja tradicionalmente formava seus quadros - com os pontos positivos daquela pedagogia e também suas limitações.

Ficarei agradecido pelo apoio no sentido de que sua existência se torne conhecida pelos que poderão ter interesse em lê-lo.

Se aparecerem outros interessados no tema, Fora da Ordem pode ser adquirido nas grandes redes de livrarias ou no site da área comercial da editora www.educaredistribuidora.com.br

Antonio Carlos Bôa Nova
Sociólogo (São Paulo)

IGREJAS LATINOAMERICANAS DE TRADIÇÃO CATÓLICA NÃO ROMANA

1. Igreja Católica Apostólica Salvadorenha
2. Igreja Católica Apostólica Argentina
3. Igreja Católica Ecumênica Renovada em Guatemala
4. Igreja Católica Apostólica Livre Iberoamericana
5. Igreja Apostólica e Ecumênica Santa Maria ao Pé da Cruz
6. Igreja Católica Apostólica Renovada
7. Igreja Apostólica Católica Nossa Senhora de Guadalupe
8. Igreja Católica Antiga do Rio da Prata
9. Igreja Apostólica Sacramental
10. Igreja Católica Apostólica Nacional de Colômbia
11. Igreja Católica Apostólica Carismática Jesus Rei
12. Igreja Fraternidade Maria Mãe dos Missionários
13. Igreja Católica Apostólica Nacional de Paraguai
14. Igreja Católica Apostólica Mexicana
15. Igreja Católica Reformada
16. Igreja Cristã Apostólica Católica - Peru
17. Igreja Missionária Universal Nossa Senhora de Guadalupe
18. Igreja Apostólica Sacramental
19. Igreja Apostólica Ecumênica Santa Maria ao Pé da Cruz (Puerto Montt, Chile)
20. Igreja Cristã Católica Apostólica Nacional Paraguai
21. Comunidade de Comunidades Nossa Senhora de Guadalupe - Costa Rica.
22. Igreja Episcopal Antiga em Argentina e Uruguai
23. Igreja Presbiteriana Episcopal Santo André Argentina .
24. Igreja Apostólica Ecumênica Santa Maria ao pé da Cruz. (Chile)
25. Igreja Velho Católica em América
26. Igreja Missionários Véteros Nossa Senhora da Alegria. (Colômbia y Argentina)
27. Igreja Ortodoxa Bielorrussa no Estrangeiro.
28. Igreja Católica Apostólica Carismática "Jesus Rei".
29. Igreja Apostólica Carismática da Reta Doutrina
30. Igreja Apostólica Renovada no Espírito - Colômbia
31. Igreja Missionários Véteros de Nossa Senhora da Alegria - Perú

O JORNAL RUMOS é uma publicação bimestral da Associação Rumos/Movimento das Famílias dos Padres Casados do Brasil (MFPC). A Associação Rumos é uma sociedade civil de direito privado, de âmbito nacional, com finalidades assistenciais, filantrópicas, culturais e educacionais, sem fins lucrativos.

Diretoria Executiva da Associação Rumos:
bienio 2010/2012

Presidente: José Edson da Silva
Vice-Presidente: Maria Lucia de Moura
1º Secretário: José Carlos P. S. de Andrade
2º Secretário: Rosa Silvério. De Andrade
1º Tesoureiro: Enoch Brasil de Matos Neto
2º Tesoureiro: Maria de Fátima Lima Brasil

Organismos de Apoio da AR e Conselho Gestor do Movimento de Padres

Casados e suas Famílias:

Presidente da AR - José Edson da Silva

Coordenadores do XX Encontro Nacional: Armando e Altiva Holyszewski

Moderador do e-grupo padrecasados: João Correia Tavares

Coordenadores do site www.padrecasados.org: Gilberto Luiz Gonzaga

e José Araújo Moura

Coordenadora do Grupo de viúvas e Viúvas: Benizeth Zorthea

Coordenadores do Grupo dos jovens do MFPC:

José E. Rolim Mota e Rejane

E-mail para enviar matérias para o site: mouraseba.moura@gmail.com

Representante internacional

Armando Holocheski

Coordenador da comissão de teologia

Francisco Salatiel A. Barbosa

Assessor Jurídico e Curador do Patrimônio da AR:

Antônio Evangelista Andrade

Assessores bíblico-teológicos:

Eduardo Hoornaert e Geraldo Frencken

Obs. - As respectivas esposas estão incluídas nas funções acima.

Conselho Fiscal da AR: Joarez Virgolino Aires e Ausília Moraes Aires (PR), Luís Guerreiro Pinto Cacaís e Irene Ortlieb Guerreiro Cacaís (DF) e Fernando Spagnolo e Telma Araujo de Oliveira Spagnolo (DF).

JORNAL RUMOS:

Coordenador do Conselho Editorial do Jornal Rumos: Gilberto Luiz Gonzaga

Diagramação: Rodrigo Maierhofer Macedo

Jornalista Responsável: Mauro Queiroz (MTB 15025)

Correspondência: artigos, comunicações, artigos, sugestões e críticas devem ser dirigidos para o e-mail: gilgon@terra.com.br de Gilberto Luiz Gonzaga, Porto Belo SC, fone 47-33694672

Os textos assinados não representam necessariamente a opinião do jornal e são de inteira responsabilidade de seus autores.

Assinatura anual:

Assinatura anual: R\$ 40,00 (quarenta reais)

Pagamento pelo BANCO ITAÚ AGENCIA: 4453 - Nº DA CONTA: 07294-6 OU

Comunique imediatamente ao nosso tesoureiro José Colaço Martins Dourado por e-mail (trinusuva@ig.com.br), por carta (José Colaço Martins Dourado, Rua Mário Mamede, 1209 - Aptº 602 - Bairro de Fátima CEP: 60415-000 Fortaleza-CE) ou telefone (85-8899-9287)

Associação Rumos: Anuidade de sócio - 150,00 (150 mil + 12,00 por Fundo de mútua ajuda);

Pague sua anuidade exclusivamente através de depósito bancário no

BANCO ITAÚ AGENCIA: 4453 - Nº DA CONTA: 07294-6

Remeta cópia do comprovante para José Colaço Martins Dourado por e-mail (trinusuva@ig.com.br), por carta (José Colaço Martins Dourado, Rua Mário Mamede, 1209 - Aptº 602 - Bairro de Fátima CEP: 60415-000 Fortaleza-CE) ou telefone (85-3334-1876)

LIVRO DE PADRE CASADO CONTA SUA HISTÓRIA

Estou enviando o prefácio de nosso livro que foi lançado no dia 13 de Julho aqui em Recife. O prefácio é de Paulo Camelo, meu cunhado. Bernardo Eyre.

Prefácio do livro: Só quero que você seja feliz - a história de amor entre um padre e uma freira, de Marta Eyre e Brian Eyre

Algumas pessoas acreditam em destino. Outras têm a convicção de que há almas gêmeas. Ainda outras creditam tudo à vontade de Deus. De uma forma ou de outra, ou talvez não existindo nenhuma razão aparente, ocorre que muitas vezes vemos duas vidas - que, pelo seu passado ou pela sua história, não teriam como se imaginarem unidas, pois galgam caminhos distintos e distantes - confirmando o que a física diz das paralelas: no infinito está sua união. O infinito, na visão física, pode ser o inatingível. Porém o homem, imagem e semelhança de Deus, tem como infinito todo o seu plano de vida mixado ao plano espiritual, algo que não tem início nem fim permeado por momentos que podemos dimensionar: nosso viver individual.

Brian Eyre nasceu na - para nós, brasileiros - longínqua Irlanda. Teve sua educação firmada em pilares aparentemente - só aparentemente - diferentes dos nossos. Educou-se religiosamente e tomou como meta a vida missionária. E algo além de nossa imaginação o direcionou para o Brasil. Tão grande Brasil, veio apegar-se a uma pequena comunidade cristã em uma cidade do Nordeste.

Marta Isabel nasceu nessa cidade do Nordeste brasileiro, porém em um momento em que Brian era um longínquo desconhecido. Os exemplos de vida de sua família e sua firme religiosidade também a fizeram seguir a carreira religiosa, na área de educação de jovens. E foi com esse matiz que ela cumpriu ordens de difundir a educação em outras plagas do Nordeste para, em um determinado momento, chegar àquela comunidade que pouco tempo antes recebera Brian.

Um homem e uma mulher, com firmes propósitos de difundir a educação e a religião, e nesse propósito poderiam seguir seus caminhos paralelos, encontraram aquele ponto infinito e suas vidas paralelas sentiram a atração mútua: a força que une um homem e uma mulher.

Estavam os dois sob ordens e decisões humanas que determinavam a vida celibatária, solitária quanto ao sexo, embora solidária quanto ao aspecto humano. Ordens humanas não se sobrepõem a desígnios divinos, desígnios que se revelam por características físicas ainda tão estudadas e não elucidadas: a atração entre um determinado homem e uma determinada mulher.

Ora, não há condições excludentes, não do ponto de vista de um homem e uma mulher ao olhar de Deus. As normas podem ser aplaidadas e - se não o forem - contornadas.

Se por um lado - o de Brian - houve demora na aceitação de seu pedido de dispensa do celibato, mas uma boa receptividade por parte de seus superiores, por outro - o de Marta - a aceitação foi rápida, mas a receptividade das superiores deixou a desejar, e muito!

O exemplo de vida, resignação, superação e perseverança dos dois religiosos que se uniram em matrimônio sem perder a religiosidade mereceu - como merece - ser contado em um livro como este, para deleite de seus numerosos amigos que presenciaram, acatarem e apoiaram essa união, com suas preces e palavras carinhosas, bem como para uma imensa massa que ainda resiste à quebra de preceitos esdrúxulos, para que, nesses casos, a bela história sirva de exemplo.

Paulo Camelo
Brian Eyre
br_eyre@hotmail.com

PÁGINA DOS LEITORES

Recebi o jornal, bom como sempre. Abraço,

Antonio Evangelista Andrade
aandrade1956@gmail.com

Acabo de ler o jornal Rumos nº 231. Achei-o excelente, principalmente no ponto em que fala da ordenação das mulheres. Coragem. A discriminação tem de acabar. A Idade média acabou há muito. É altura de cada um dizer o que pensa e na Igreja faz muita falta a sensibilidade feminina. Gostei particularmente dos artigos que dizem: "Idosos que ingerem álcool melhoram" "outra mulher enfrenta o Vaticano e ordena-se sacerdote nos EUA" e ainda "Mulher de Padre - Lúcia e Edson" e "a freira e o Pároco". Imprimi-o porque o achei extraordinário.

Parabéns e muita força e saúde.

Serafim de Sousa
serafimseras@hotmail.com

Agradeço mais uma vez pelo jornal, e aguardo um dia que possamos nos encontrar, para colocar as conversas em dia. Um beijo e abraço para vocês, fiquem com Deus.

Toni
toni@orientoseguros.com.br

Oi, Giba, eu vou fazer a assinatura do jornal e filiar-me em breve. Gosto muito do jornal e pretendo inclusive mandar algumas matérias para apreciação. Eu estudei comunicação social e é este segmento da comunicação que quero desenvolver: a evangelização através do "mass media". Aqui em nossa paróquia estamos iniciando a pastoral da comunicação. Temos uma rádio comunitária, o jornal e o site. Agradeço-te pelo jornal e em breve estarei entrando em contato para a minha filiação ao movimento, se é que é possível uma leiga filiar-se. De qualquer forma quero contribuir porque acredito que o trabalho de vocês é o ideal do movimento é a igreja que acredito.

Sandra Martins Menezes
sandra7dee@hotmail.com

Resposta: Sandra, pode filiar-se como sócia, sim. Será uma alegria para nosso MFPC. Giba

Gilberto, agradeço o "Rumos". Já li.

Pedro Camilo Telles
pedrocamilotelles@gmail.com

Meu caro Gilberto, há dias recebi pelo site "Padres Casados" o Rumos.

Parabéns, como sempre está muito bom. Sem sucesso tentei motivar alguns colegas de Belo Horizonte para assinarem Rumos.

Eu e minha esposa estamos, há uns dois meses, fazendo uso diário do Cloreto de magnésio. Estamos muito satisfeitos.

Envio-lhe agora uma informação sobre o limão, que recebi de uma amiga. Acho que vale a pena divulgar. Fazer mal, tenho certeza, não fará. Um abraço.

José Lino de Araújo
joselinodearaujo@gmail.com

Agradezco el envío de Rumos. Leí, cuanto pude, los artículos de la presentación de il papa Francisco al papa Juan XXIII, como modelo de santidad.

La reunión de la Confederación de religiosos de AL y el Caribe, con el papa Francisco, en donde se manifiesta que abran las puertas de la renovación de la Iglesia Maciel aliado del papa Juan Pablo II, sabría la verdad sobre ese hombre?

La contribución de las mujeres en la Iglesia, siempre hubo desde su nacimiento, sin

ellas no se habría hecho realidad el cristianismo, muchas dieron la vida y continúan trabajando por el reino de Dios.

Los divorciados y el acceso a los sacramentos. En el estudio de dogma aprendí que Sacramento propter homines, entonces porque negar a los hombres que mas necesitan de Dios?

En el proximo numero informen sobre la raíz de los problemas sociales de Brasil. Felicitaciones

Mario Mullo Sandoval
mariomullo@yahoo.com

Sempre leio seus textos e jornais, sempre atualizados e interessantes.

Cinéria Vieira
cineria23@hotmail.com

Gostaria de agradecê-lo pelo envio da última edição do Jornal Rumos.

Como sempre de excelente qualidade e com um incontestável compromisso com a verdade e a justiça.

Ivan Sales Chaves
ivansaleschaves@gmail.com

(Entre muitas outras linhas ele escreve:) Com a vinda do Papa ao Brasil todo mundo ficou mais feliz e eu também. Para evangelizar, na ausência do Papa está o jornal Rumos. Parabéns!

O centralismo do Vaticano se opõe ao Espírito da Igreja de Jesus.

Com o Papa no Brasil vi os avanços do sexo feminino e da raça negra.

Com 81 anos continuo cuidando do pomar aonde até as aves jacus vem comer frutas.

Já renovei minha assinatura do jornal há poucos dias.



Pe. Emérito Mariano Callegari
Casa do Padre - Caxias do Sul - RS

Estimado "mano" em Jesus e Maria.

Fui lendo com interesse Rumos 231, excluindo os artigos que o moderador do MFPC tem partilhado para o secretariado da Fraternitas, com tanta gentileza, embora lhes desse uma olhadela.

Mas como eu não percebo nada de futebol, nem gosto, apreciei deveras o artigo da página 4, que li com tanto entusiasmo: "O futebol como filosofia".

Como tributo, passei para doc. Word "Oração do futebolista", para integrar, se entender, em RUMOS 232.

FORÇA! O nosso abraço fraterno.

A secretária, Urtélia Silva
Associação Fraternitas Movimento
<http://fraternitasmovimento.blogspot.pt>

Estimado amigo João Tavares, percorri rapidamente os conteúdos do Jornal Rumos. Muito bons! E trazendo informações muito importantes para esclarecer algumas realidades bastante obscuras na Igreja,

como os episódios referentes ao fundador dos Legionários de Cristo.

Agradeço a gentileza do envio desta edição. Transmite minha saudação a todos. Com o meu abraço,

D. Demétrio Valentini
domdemetrio@melfinet.com.br

Agradezco como siempre el envío del Jornal Rumos.

Como siempre, el jornal es interesante, ágil, agradable.

Pero esta vez, lamento haber encontrado en Rumos un artículo de sociología extremadamente superficial, que desentona con el nivel generalmente honesto de la publicación.

Me refiero al artículo anónimo de la página 13 : "Profesor reprova clase socialista inteira".

Rogelio Ponsard
Rogelioponsard@gmail.com

Amigo Sr. Gilberto. A edição do Jornal Rumos nº 231 está uma beleza.

Obrigada pela dedicação e esforço para que possamos receber tão importante meio de comunicação. Parabéns pelos ricos artigos, informações e humor.

Raimunda Gil Schaecken
rgilschaecken@hotmail.com

Sou gaúcho, participei dos primeiros movimentos dos Padres casados aqui em Porto Alegre até alguns anos atrás. Hoje, não têm havido encontros, que eu tenha sido informado. Algumas lideranças se afastaram, por diversos motivos pessoais.

Eu gostaria de assinar o jornal da Associação Rumos.

Casei, fui professor da PUC - PORTO ALEGRE .Estou aposentado, auxílio no Hospital Conceição em POA e acabei de lançar um livro pela Editora Buqui - VATICANO FÁBRICA DE CONTRADIÇÕES

Maximiliano Zambom Filho
maxzambom@hotmail.com

Fui jesuíta durante alguns anos, mas não cheguei à ordenação - deixei a ordem antes de começar a Teologia.

Não sou ligado à Associação Rumos, de cuja existência fiquei sabendo recentemente, ao ler o livro "Entre a Batina e a Aliança", da Profa. Edlene Silva.

Na ocasião, eu já havia concluído minha pesquisa e estava na fase final da redação do livro. Desde então, passei a entrar periodicamente no site para acompanhar as novidades, publicações etc.

Ainda não conheço o jornal RUMOS e teria prazer em lê-lo; como devo fazer?

Antonio Carlos Bôa Nova
acboanova@uol.com.br

Meu prezado Gilberto, é pouco dizer que o RUMOS está bom. Ele está excelente! Parabéns! Tenho certeza de que nosso Jornal está plantando uma semente profética que, em breve, estará dando bons frutos. Um grande abraço

José Lino de Araújo
joselinodearaujo@gmail.com

Grato pelo envio do exemplar do jornal, muito bom; os artigos e assuntos.

Por ter "sido" padre já lhe tenho admiração e pelo fato de deixar de exercer o sacerdócio, mas continuar com uma atuação que ajuda e esclarece as pessoas neste universo espiritual e assuntos diversos da igreja, aumenta ainda mais.

Wilson Roberto Corrêa
wilsoncorrea@gmail.com



3 BISPOS EMÉRITOS ESCREVEM AOS BISPOS DO BRASIL

*Queridos irmãos no episcopado,
15/08/2013*

Somos três bispos eméritos que, de acordo com o ensinamento do Concílio Vaticano II, apesar de não sermos mais pastores de uma Igreja local, somos sempre participantes do Colégio episcopal, e junto com o Papa, nos sentimos responsáveis pela comunhão universal da Igreja Católica.

Alegrou-nos muito a eleição do Papa Francisco no pastoreio da Igreja, pelas suas mensagens de renovação e conversão, com seus seguidos apelos a uma maior simplicidade evangélica e maior zelo de amor pastoral por toda a Igreja. Tocou-nos também a sua recente visita ao Brasil, particularmente suas palavras aos jovens e aos bispos. Isso até nos trouxe a memória do histórico Pacto das Catacumbas.

Será que nós bispos nos damos conta do que, teologicamente, significa esse novo horizonte eclesial? No Brasil, em uma entrevista, o Papa recordou a famosa máxima medieval: "Ecclesia semper renovanda".

Por pensar nessa nossa responsabilidade como bispos da Igreja Católica, nos permitimos esse gesto de confiança de lhes escrever essas reflexões, com um pedido fraterno para que desenvolvamos um maior diálogo a respeito.

1. A Teologia do Vaticano II sobre o ministério episcopal

O Decreto *Christus Dominus* dedica o 2º capítulo à relação entre bispo e Igreja Particular. Cada Diocese é apresentada como "porção do Povo de Deus" (não é mais apenas um território) e afirma que, "em cada Igreja local está e opera verdadeiramente a Igreja de Cristo, uma, santa, católica e apostólica" (CD 11), pois toda Igreja local não é apenas um pedaço de Igreja ou filial do Vaticano, mas é verdadeiramente Igreja de Cristo e, assim a designa o Novo Testamento (LG 22). "Cada Igreja local é congregada pelo Espírito Santo, por meio do Evangelho, tem sua consistência própria no serviço da caridade, isto é, na missão de transformar o mundo e testemunhar o Reino de Deus. Essa missão é expressa na Eucaristia e nos sacramentos. Isso é vivido na comunhão com seu pastor, o bispo".

Essa teologia situa o bispo não acima ou fora de sua Igreja, mas como cristão inserido no rebanho e com um ministério de serviço a seus irmãos. É a partir dessa inserção que cada bispo, local ou emérito, assim como os auxiliares e os que trabalham em funções pastorais sem dioceses, todos, enquanto portadores do dom recebido de Deus na ordenação são membros do Colégio Episcopal e responsáveis pela catolicidade da Igreja.



2. A sinodalidade necessária no século XXI

A organização do papado como estrutura monárquica centralizada foi instituída a partir do pontificado de Gregório VII, em 1078. Durante o 1º milênio do Cristianismo, o primado do bispo de Roma estava organizado de forma mais colegial e a Igreja toda era mais sinodal.

O Concílio Vaticano II orientou a Igreja para a compreensão do episcopado como um ministério colegial. Essa inovação encontrou, durante o Concílio, a oposição de uma minoria informada. O assunto, na verdade, não foi suficientemente amarrado. Além disso, o Código de Direito Canônico, de 1983 e os documentos emanados pelo Vaticano, a partir de então, não priorizaram a colegialidade, mas restringiram a sua compreensão e criaram barreiras ao seu exercício. Isso foi em prol da centralização e crescente poder da Cúria romana, em detrimento das Conferências nacionais e continentais e do próprio Sínodo dos bispos, este de caráter apenas consultivo e não deliberativo, sendo que tais organismos detêm, junto com o Bispo de Roma, o supremo e pleno poder em relação à Igreja inteira.

Agora, o Papa Francisco parece desejar restituir às estruturas da Igreja Católica e a cada uma de nossas dioceses uma organização mais sinodal e de comunhão colegiada. Nessa orientação, ele constituiu uma comissão de cardeais de todos os continentes para estudar uma possível reforma da Cúria Romana. Entretanto, para dar passos concretos e eficientes nesse caminho - e que já está acontecendo - ele precisa da nossa participação ativa e consciente. Devemos fazer isso como forma de compreender a própria função de bispos, não como meros conselheiros e auxiliares do papa, que o ajudam à medida que ele pede ou deseja e sim como pastores, encarregados com o papa de zelar pela comunhão universal e o cuidado de todas as Igrejas.

3. O cinquentenário do Concílio

Nesse momento histórico, que coincide também com o cinquentenário do Concílio Vaticano II, a primeira contribuição que podemos dar à Igreja é assumir nossa missão de pastores que exercem o sacerdócio do Novo Testamento, não como sacerdotes da antiga lei e sim, como profetas. Isso nos obriga colaborar efetivamente com o bispo de Roma, expressando com mais liberdade e autonomia nossa opinião sobre os assuntos que pedem uma revisão pastoral e teológica. Se os bispos de todo o mundo exercessem com mais liberdade e responsabilidade fraternas o dever do diálogo e dessem sua opinião mais livre sobre vários assuntos, certamente, se quebrariam certos tabus e a Igreja conseguiria retomar o diálogo com a humanidade, que o Papa João XXIII iniciou e o Papa Francisco está acenando.

A ocasião, pois, é de assumir o Concílio Vaticano II atualizado, superar de uma vez por todas a tentação de cristandade, viver dentro de uma Igreja plural e pobre, de opção pelos pobres, uma eclesiologia de participação, de libertação, de diaconia, de profecia, de martírio... Uma Igreja explicitamente ecumênica, de fé e política, de integração da Nossa América, reivindicando os plenos direitos da mulher, superando a respeito os fechamentos advindos de uma eclesiologia equivocada.

Concluído o Concílio, alguns bispos - sendo muitos do Brasil - celebraram o Pacto das Catacumbas de Santa Domitila. Eles foram seguidos por aproximadamente 500 bispos nesse compromisso de radical e profunda conversão pessoal. Foi assim que se inaugurou a recepção corajosa e profética do Concílio.

Hoje, várias pessoas, em diversas partes do mundo, estão pensando num novo Pacto das Catacumbas. Por isso, desejando contribuir com a reflexão eclesial de vocês, enviamos anexo o texto original do Primeiro Pacto.

O clericalismo denunciado pelo Papa Francisco está sequestrando a centralidade do Povo de Deus na compreensão de uma Igreja, cujos membros, pelo batismo, são alçados à dignidade de "sacerdotes, profetas e reis". O mesmo clericalismo vem excluindo o protagonismo eclesial dos leigos e leigas, fazendo o sacramento da ordem se sobrepor ao sacramento do batismo e à radical igualdade em Cristo de todos os batizados e batizadas.

Além disso, em um contexto de mundo no qual a maioria dos católicos está nos países do sul (América Latina e África), se torna importante dar à Igreja outros rostos além do costumeiro expresso na cultura ocidental. Nos nossos países, é preciso ter a liberdade de desocidentalizar a linguagem da fé e da liturgia latina, não para criarmos uma Igreja diferente, mas para enriquecermos a catolicidade eclesial.

Finalmente, está em jogo o nosso diálogo com o mundo. Está em questão qual a imagem de Deus que damos ao mundo e o testemunhamos pelo nosso modo de ser, pela linguagem de nossas celebrações e pela forma que toma nossa pastoral. Esse ponto é o que deve mais nos preocupar e exigir nossa atenção. Na Bíblia, para o Povo de Israel, "voltar ao primeiro amor", significava retomar a mística e a espiritualidade do Êxodo.

Para as nossas Igrejas da América Latina, "voltar ao primeiro amor" é retomar a mística do Reino de Deus na caminhada junto com os pobres e a serviço de sua libertação. Em nossas dioceses, as pastorais sociais não podem ser meros apêndices da organização eclesial ou expressões menores do nosso cuidado pastoral. Ao contrário, é o que nos constitui como Igreja, assembleia reunida pelo Espírito para testemunhar que o Reino está vindo e que de fato oramos e desejamos: venha o teu Reino!

Esta hora é, sem dúvida, sobretudo para nós bispos, com urgência, a hora da ação. O Papa Francisco ao dirigir-se aos jovens na Jornada Mundial e ao dar-lhes apoio nas suas mobilizações, assim se expressou: "Quero que a Igreja saia às ruas". Isso faz eco à entusiástica palavra do apóstolo Paulo aos Romanos: "É hora de despertar, é hora e de vestir as armas da luz" (13,11). Seja essa a nossa mística e nosso mais profundo amor.

Abraços, com fraterna amizade.

Dom José Maria Pires, arcebispo emérito da Paraíba.
Dom Tomás Balduino, bispo emérito de Goiás.

Dom Pedro Casaldáliga, bispo emérito de São Félix do Araguaia.
www.ihu.unisinos.br

A REVOLUÇÃO DE UMA VERDADEIRA TEOLOGIA DA MULHER

O significado da Assunção não se refere apenas às mulheres na Igreja, mas ilumina, e não apenas simbolicamente, a ambivalente figura da mulher: onipotente, mas também submissa.

A opinião é da historiadora e senadora italiana Emma Fattorini. O artigo foi publicado no jornal L'Unità, 17-08-2013. A tradução é de Moisés Sbardelotto.

Eis o texto.

O papel da mulher e a sua "dignidade" na Igreja devem ser compreendidos e exaltados. O Papa Francisco falou isso aos fiéis na praça de Castel Gandolfo, antes de recitar o Ângelus na Solenidade da Assunção. "Compreendidos e exaltados", ainda na viagem ao Brasil ele havia falado da necessidade de uma verdadeira "teologia da mulher": referências, passagens, mas muito importantes.

O fato de retomá-las no dia de Ferragosto tem um significado todo particular. Na antiguidade, as Feriae eram uma celebração da fertilidade e da maternidade, de origem oriental, a deusa-mãe Sira, padroeira do trabalho dos campos, prerrogativas que, ao longo dos



séculos, a tradição popular atribuiu à Virgem Maria.

Mas, em Ferragosto, não se celebra uma das tantas festas dedicadas à Nossa Senhora, mas sim a festa muito especial da Assunção, o último dogma mariano declarado por Pio XII em 1950. E por que seria tão especial? Carl Gustav Jung o explicou muito bem em um texto, que se tornou importante para a história das mulheres no Ocidente.

O fundador da psicologia profunda, baseada nos símbolos e nos arquétipos de origem protestante, no livro Resposta a Jó, escrevia: "O dogma da Assunção de Maria ao céu é o acontecimento religioso mais importante da era moderna de-

pois da Reforma". Porque era, segundo Jung, o evento simbolicamente mais importante para a história das mulheres modernas, para a sua emancipação e o seu reconhecimento.

Para Jung, o fato de que o único ser humano já assunto ao céu, antes do fim dos tempos, além do filho de Deus, era uma mulher representava uma revolução no imaginário coletivo e um reconhecimento do enorme poder. No limite da onipotência e, portanto, da heresia, porque corria o risco de equiparar perigosamente demais a mãe, somente mulher e totalmente humana, ao filho, homem, sim, mas também filho de Deus.

Um belo emaranhado teológico e histórico. Tanto que, na

história da Igreja, os movimentos assuncionistas tiveram uma vida muito difícil, porque, entre outras tantas razões, corriam o risco de dilatar demais as prerrogativas de Nossa Senhora e, assim, das mulheres.

Creio, portanto, que é de grande relevância que o Papa Francisco, escolha uma ocasião tão significativa para falar do novo papel da mulher e para celebrar o 25º aniversário da Carta Apostólica Mulieris dignitatem, de João Paulo II, sobre a dignidade e a vocação da mulher.

O significado da Assunção não se refere apenas às mulheres na Igreja, mas ilumina, e não apenas simbolicamente, a ambivalente figura da mulher mediterrânea: onipotente - para Jung, a Assunção era o retorno a uma deusa feminina -, mas também submissa. Muito poderosa como mãe, mas também subalterna ao homem-marido. Uma natureza muito frágil e muito forte, a da mulher mediterrânea, diferente da emancipada mulher protestante.

É importante voltar a essas raízes profundas da identidade feminina contemporânea diante do crescimento da violência

contra as mulheres. É daí que devemos recomeçar, todos e todas. A sensibilidade ao feminicídio cresce a cada dia, e estamos contentes com isso. Os movimentos das mulheres estão em alerta permanente, as deputadas e as senadoras, todas, têm trabalhado com um empenho extraordinário; mais recentemente, o decreto do governo italiano vai estabelecer procedimentos urgentes.

Tudo isso nos deixa justamente orgulhosas. O "mas" que se segue obrigatoriamente a essas observações fala justamente de prevenção. Mas nenhuma prevenção é mais eficaz do que recomeçar da força das mulheres mediterrâneas, e não somente da sua fraqueza. Porque hoje é a sua força que assusta, quando desaparecem os contrapesos que a cultura ocidental masculina tinha posto de pé, a fim de chegar a um acordo com ela e de fazer dela o fruto de um relacionamento amoroso. Nesse sentido, as culturas religiosas podem ser valiosas aliadas das mulheres e da sua capacidade de construir bons relacionamentos.

www.ihu.unisinos.br

LIMÃO CONGELADO

Muitos profissionais em restaurantes, além de nutricionistas, estão usando ou consumindo o limão inteiro, em que nada é desperdiçado.

Como você pode usar o limão inteiro sem desperdício?

Simples... Lave bem e coloque o limão na seção do freezer de sua geladeira. Uma vez que o limão esteja congelado, use seu ralador e o limão inteiro (sem necessidade de descascá-lo) e polvilhe-o em cima de seus alimentos, em suas bebidas, saladas, sorvete, sopa, macarrão, molho de macarrão, arroz, sushi...

Todos os alimentos inesperadamente terão um gosto maravilhoso, algo que você talvez nunca tenha provado antes.

Provavelmente, você acha que só o suco de limão teria vitamina C. Bem, saiba que as cascas do limão contêm vitaminas 5 a 10 vezes mais do que

suco de limão propriamente dito.

E, sim, isso é o que você vem desperdiçando. Mas de agora em diante, por seguir esse procedimento simples de congelar o limão inteiro e salpicá-lo em cima de seus pratos, você pode consumir todos os nutrientes.

As cascas do limão são rejuvenescedoras da saúde na erradicação de elementos tóxicos do corpo.

Limão (Citrus) é um produto milagroso para matar células cancerosas. 10.000 vezes mais forte do que a quimioterapia.

Por que não sabemos nada sobre isso? Porque existem laboratórios interessados em fazer uma versão sintética que lhes trará enormes lucros. Seu sabor é agradável e não produz os efeitos horríveis da quimioterapia. Quantas pessoas morrem enquanto esse segredo é mantido, para não pôr em perigo as grandes corporações multimilionárias.

Como sabem, a árvore do limão é conhecida por suas variedades de limões e limas. Você pode comer as frutas de diferentes maneiras: a polpa, suco, preparando bebidas, sorvetes, bolos, etc... A ele são creditadas muitas virtudes, mas o mais interessante é o efeito que produz sobre cistos e tumores.

Essa planta é uma solução comprovada de todos os tipos de doenças

Alguns dizem que é muito útil para todas as variantes do câncer.

Ele é considerado também como um espectro antimicrobiano contra infecções por bactérias e fungos, eficaz contra parasitas internas e vermes, que regula a pressão de sangue, quando muito alto; e um antidepressivo, combatendo o estresse e distúrbios nervosos.

A fonte desta informação é fascinante: vem de uma das maiores fabricantes de drogas



no mundo. Diz que, após mais de 20 testes desde 1970, os extratos revelaram que: destrói as células malignas, incluindo cólon, mama, próstata, pulmão e pâncreas... Os compostos dessa árvore mostraram-se 10.000 vezes melhores do que o produto Adriamycin, uma droga normalmente utilizada como quimioterápico no mundo, retardando o crescimento das células

las cancerosas.

E o que é ainda mais surpreendente: este tipo de terapia com extrato de limão apenas destrói células de câncer maligno e não afeta as células saudáveis.

Antes tarde do que nunca! Repassem aos seus amigos e conhecidos.

José Lino de Araújo
joselinodearaujo@gmail.com

"ABRAM AS PORTAS"

Foi um encontro histórico, sem precedentes. Por aquilo que se disse e pela forma como se disse. Durante uma hora, Francisco dialogou com franqueza com a diretoria da Conferência Latino-Americana e Caribenha de Religiosos e Religiosas (CLAR).

Conversaram sentados em círculo, entre iguais, como nas primeiras comunidades fundadas por Jesus...

Eis um breve resumo desse histórico encontro.

1. Abram portas... Abram portas!

Vocês vão se equivocar, vão fazer bobagem, isso acontece! Talvez até vão receber uma carta da Congregação para a Doutrina [da Fé] dizendo que vocês disseram tal e tal coisa... Mas não se preocupem. Expliquem o que tenham que explicar, mas sigam em frente... Abram portas, façam algo aí onde a vida clama. Prefiro uma Igreja que se equivoca por fazer algo do que uma que adoece por ficar fechada...

2. Sobre a sua eleição

Eu não perdi a paz em nenhum momento, sabem? E isso não é meu, eu sou mais de me preocupar, de ficar nervoso... Mas não perdi a paz em nenhum momento. Isso me confirma que isso é de Deus...

3. Sobre a esperança que seus gestos trouxeram, como o fato de ter ficado em Santa Marta

Esses gestos... não vieram de mim. Não fui eu que os inventei. Eu não trouxe um plano, nem fiz um plano quando me elegeram. Eu faço isso porque senti que era o que o Senhor queria. Mas esses gestos não são meus, há Outro aqui... isso me dá confiança...

Eu trazia a roupa estritamente necessária, a lavava de noite, e de repente isso... Eu não tinha nenhuma chance! Nas apostas de Londres, eu estava em 44º lugar, vejam vocês! Quem apostou em mim ganhou muito, claro...! Isso não vem de mim...

4. Sobre as correntes da Igreja

Compartilho com vocês duas



preocupações. Uma delas é uma corrente pelagiana que existe na Igreja neste momento. Há certos grupos restauracionistas. Eu conheço alguns, eu tive que recebê-los em Buenos Aires. E sentimos que é como voltar 60 anos atrás! Antes do Concílio... Sentimo-nos em 1940... Uma anedota, só para ilustrar, não para rir - eu a tomei com respeito, mas me preocupa: quando me elegeram, eu recebi uma carta de um desses grupos, e me diziam: "Santidade, oferecemos-lhe este tesouro espiritual: 3.525 rosários". Por que não dizem 'rezamos pelo senhor, pedimos'... Mas isso de fazer contas...

A segunda é uma corrente gnóstica. Esses panteísmos... As duas são correntes de elite, mas esta é de uma elite mais formada... Eu soube de uma superiora geral que incentivava as irmãs da sua congregação a não rezar pela manhã, mas sim a tomarem um banho espiritual no cosmos, coisas assim... Isso me preocupa porque pulam a encarnação! E o Filho de Deus se fez nossa carne, o Verbo se fez carne, e na América Latina temos carne aos montes! O que acontece com os pobres, as dores, essa é nossa carne...

O evangelho não é a regra antiga, nem esse panteísmo. Se você olhar para as periferias, os indigentes, os drogados, o tráfico de pessoas... Esse é o evangelho. Os pobres são o evangelho...

5. Sobre a Cúria Romana e

a comissão de cardeais

E, sim... é difícil. Na Cúria, há pessoas santas, de verdade, há pessoas santas. Mas também há uma corrente de corrupção, também existe, é verdade... Fala-se do "lobby gay", e é verdade, está aí... É preciso ver o que podemos fazer...

A reforma da Cúria Romana é algo que quase todos nós, cardeais, pedimos nas congregações prévias ao conclave. Eu também pedi. Eu não posso fazer a reforma, esses temas de gestão... Eu sou muito desorganizado, nunca fui bom nisso. Mas os cardeais da comissão vão levá-la adiante. Aí está Rodríguez Maradiaga, que é latino-americano, que leva a batuta, stá Errázuriz, eles são muito ordenados. O [cardeal] de Munique também é muito ordenado. Eles vão levá-la adiante. Rezem por mim para que eu me equivoque o menos possível...

6. Sobre Aparecida

Aparecida não terminou. Aparecida não é só um documento. Foi um acontecimento. Aparecida foi algo diferente. Para começar, porque não teve documento de trabalho. Teve contribuições, mas não um documento. E, ao terminar, também não tinha um documento - no dia anterior tínhamos 2,300 "modos"... Aparecida enviou à missão continental. Aí termina Aparecida, no impulso da missão.

O que Aparecida teve de especial é que não foi celebrada nem em um hotel, nem em uma casa de retiros... Foi celebrada em um santuário mariano. Durante a semana, celebrávamos a Eucaristia e havia umas 250 pessoas, porque era um dia normal de trabalho. Mas o fim de semana ele estava

cheio...! O povo de Deus acompanhava os bispos, pedindo o Espírito Santo...

Tínhamos as salas de reuniões debaixo do Santuário. Assim, a música de fundo eram os cantos, as celebrações no Santuário... Isso deu algo muito especial.

7. Sobre as congregações religiosas

Há algo que me preocupa, embora eu não saiba como lê-lo. Há congregações religiosas, grupos muito, muito pequenos, algumas poucas pessoas, pessoas muito velhas... Não têm vocações, sei lá... O Espírito Santo não quer que continuem, talvez já cumpriram a sua missão na Igreja, não sei... Mas aí estão, aferradas aos seus edifícios, aferradas ao dinheiro... Eu não sei por que isso acontece, eu não sei como lê-lo. Mas peço-lhes que se preocupem com esses grupos... A gestão do dinheiro é algo que precisa ser refletido.

8. Sobre a Congregação para a Vida Consagrada

Aproveitem este momento que vivemos na Congregação para a Vida Consagrada... É um momento de sol... Aproveitem. O prefeito é bom. E o secretário [José Rodríguez Carballo], que foi "lobiado" por vocês! Não, na realidade, sendo o presidente da USG [União dos Superiores Gerais], o lógico era que fosse ele! Quem melhor...

Jonham todo o seu empenho no diálogo com os bispos. Com o Celam [Conselho Episcopal Latino-Americano], com as Conferências nacionais... Eu sei que há alguns que têm outra ideia da comunhão, mas... Falem, conversem com eles, digam-lhes...

www.ihu.unisinos.br

ORAÇÃO DO FUTEBOLISTA



"Eu quero ser como a bola de futebol, disponível para todos e para cada um, que alegre e diverte todos os que a usam, sobretudo as crianças.

Eu não quero causar nenhum mal a ninguém.

Gostava de jogar não só no campo, mas na vida toda com espírito de equipe.

Gostava de saber entrar em campo, cheio do Teu bom espírito, de jogar para ganhar mas sem fazer rasteiras a ninguém, de aceitar perder com dignidade, e de ganhar com humildade.

Gostava de ser um desportista feliz.

Ajuda-me a dar o melhor que tenho, o melhor que sou.

Ajuda-me a jogar a vida como Tu, pelos outros.

Ajuda-me a encontrar a melhor estratégia para por todos os outros a jogar também.

Sê o meu modelo no jogo da vida.

Faz comigo o que quiseres.

Estou disponível para jogar na tua seleção, se Tu quiseres.

Faze de mim um instrumento de felicidade".

Autor desconhecido.

secretariado@fraternitas.pt

Secretária Urtélia Silva

Acesse o site



São Pedro e sua esposa

Associação Rumos

Movimento Nacional das Famílias dos Padres Casados

www.padrescasados.org

É hora de assinar ou renovar a assinatura de RUMOS

VIVENDO DE MÁSCARAS

Num desses dias assisti um psicopedagogo falando na tevê a respeito dos descaminhos da vida humana em sociedade. No andamento da palestra ele se referiu a três períodos distintos de sua vida, dos quais ele colheu lições e exemplos capazes de formar uma base para sua existência, e de profissional do comportamento.

Ele aprendeu com os pais que o que importava era ser; ser distinto, amigo, bom filho, cidadão, digno, honesto, respeitador. Mais tarde ele testemunhou a fase do ter. Era imperioso ter boa aparência, dinheiro, boas roupas, ter bens, status, ter... Hoje, disse ele, na fase madura, presença a fase do "faz de conta". Na atualidade, as pessoas fazem de conta - mesmo que não esteja - que está tudo bem...

Os pais fazem de conta que educam, os professores fazem de conta que ensinam, os alunos fazem de conta que aprendem, os profissionais fazem de conta que são competentes, os governantes fazem de conta que se preocupam com o bem-comum e a felicidade do povo, e este faz de conta que acredita.

Nessa conjuntura de máscaras e falsas posturas sociais, a maioria das pessoas faz de conta que são honestas, os líderes religiosos fazem de conta que são representantes de Deus e conhecem a sua vontade; os fiéis fazem de conta que têm fé, os doentes fazem de conta que têm saúde; os bandidos fazem de conta que são dignos e a justiça faz de conta que funciona e é imparcial.

Enquanto os corruptos se fazem passar por probos idealistas, os terroristas querem



passar uma imagem de justiceros. É por isso que a maioria da população se omite e faz de conta que está tudo bem. Mas, uma coisa é certa, irrefutável: não podemos fazer de conta, quando nos olhamos no espelho da nossa própria consciência. Podemos sair à cata de mil desculpas para explicar nosso faz-de-conta, mas não há como justificar a omissão.

É salutar, porém, salientar que todo esse circo que a sociedade arma, causa prejuízo a todos, a partir dos que teimam em não ver. Quem age deste modo termina caindo nos buracos que ele mesmo cavou, e acaba frustrado, deprimido e derrotado. É hora de buscarmos a autenticidade, deixando cair todas as nossas máscaras. Quem vive sem máscara nun-

ca será confundido e jamais cairá no anonimato dos medíocres, mas obterá sucesso em todos os seus empreendimentos.

O indivíduo autêntico jamais representa papéis falsos; ele apenas é o que é sem maiores alardes. As pessoas autênticas têm maior possibilidade de serem felizes que as demais. Como ensina Dráuzio Varella "se não quiser adoecer não viva de aparências. Nada pior para a saúde do que viver de fachadas". Se é fácil enganar os outros, é impossível enganar a nós mesmos. No fim, prestaremos contas à nossa consciência e não aos outros. Quem vive de máscaras é pessoa de muito verniz pouca raiz.

Antônio Mesquita Galvão
kerygma.amg@gmail.com
Doutor em Teologia Moral,
Filósofo e Escritor.

AMBIGUIDADES DA POLÍTICA BOLIVARIANA

Quem acompanha os passos da ação política latino-americana, no início deste século, pode ficar com a impressão de que os governantes de alguns países saíram dos trilhos. Acostumados a uma diplomacia de reciprocidade e respeito às regras democráticas, algumas nações surpreendem com a dissonância dos métodos que adotam. Quando candidatas, os governantes têm feito uso das regras democráticas para alcançar o poder e, eleitos, passaram a jogar contra a Democracia. Hoje pautam suas ações por conceitos e procedimentos altamente ambíguos. Assim, agem os mentores daquilo que se denominou de "socialismo do século 21". Os novos dirigentes, como Hugo Chavez, na Venezuela, têm feito uso das regras democráticas para assumir o poder e, em seguida, as pisoteiam sem pudor. Criaram escola. Produziram uma confusão generalizada. Propositadamente, têm agido de forma ambígua. Parece que as experiências frustradas do Nazismo alemão, do Fascismo italiano e do Comunismo da ex-União Soviética - que levou 70 anos para perceber o autoengano - nada lhes ensinaram.

No Brasil, aos insistentes reclamos por investimento na saúde pública, os dirigentes recorreram a um projeto - "Mais Médicos" - arquitetado nos bastidores, confuso e ambíguo. Dificulta à sociedade entender, com precisão, em quais parâmetros filosóficos, políticos e legais se fundamenta. Médicos de diferentes países estão sendo atraídos, por dez mil reais mensais. Há critérios de enquadramento diferentes daqueles que a lei trabalhista brasileira impõe ao empregador nacional. Recebem FGTS, 13º salário, Previdência, horas extras? Por que são dispensados do Revalida, exigência para que médico formado fora do país possa exercer a profissão de forma legal? O que há a esconder? O caso dos médicos provenientes de Cuba é ainda mais estranho. Estes são submetidos a diferentes critérios de remuneração pelo mesmo serviço. A mídia tem divulgado que, os dez mil reais propostos serão enviados, pelo Governo Brasileiro, ao governo de Cuba, mediante uma triangulação com a OPAS, (Organização Pan-Americana da Saúde). Cuba repassará entre 25% a 40% ao médico, reten-

do os outros 60%. É uma forma de financiar o Governo da ilha dos irmãos Castro? Além da retenção de parte dos salários, os médicos ficam impedidos de se fazerem acompanhar de suas famílias, que permanecerão em Cuba. Para padrões civilizados, isso é vergonhoso. Com sua economia sucateada por uma forma de socialismo que não reconhece a inventividade e o mérito, Cuba pouco tem a exportar. Então, exporta médicos. Mas, lhes retém bens preciosos, como a família e parte dos salários. É ou não um regime de privação de liberdades essenciais? Uma forma reciclada de "escravidão moderna"? Assim, todos ficam nivelados. Nivelados por baixo. Menos a casta dos dirigentes, uma categoria social superior, a perpetuar-se no poder. Haja desprendimento para esses abnegados trabalhadores! Isso, sim, que é idealismo pelo bem de sua pátria! Ver-se-á o que vai acontecer, quando a contrapartida esperada das Prefeituras, no tocante à moradia, transporte e alimentação começar a minguar. Então será possível avaliar o grau de profundidade do suposto idealismo desses profissionais. Tomara

que essa crítica esteja total e redondamente equivocada.

Em sua consciência, ninguém se diria contra a vinda de médicos estrangeiros para atender as populações carentes dos rincões brasileiros desassistidos da saúde. Mas, é preciso entender que a falta de médicos nos grotões do Brasil se deve, acima de tudo, à falta de condições mínimas para o exercício adequado e digno da medicina. Equipar hospitais e postos de saúde; fiscalizar a correta aplicação dos recursos; punir os corruptos e seus corruptores; sanar o estado de indigência de recursos dos Estados e Prefeituras. Esse é um bom caminho. As condições atuais não são nada atrativas. Não se faz medicina com estetoscópio e caneta, disse alguém. Quem viveu nessas regiões sabe do que se trata. As imagens veiculadas pela mídia mostram bem o drama vivido por quem precisa de assistência em postos de saúde e hospitais públicos. Diariamente, a mídia apresenta dramas imensuráveis vividos por desassistidos nos grotões e periferias.

Ser verdadeiro. É o que se espera de todo dirigente de

bens públicos. Não se trata da verdade ideológica, que é parcial, relativista e reducionista. Trata-se da verdade que liberta, aproxima, solidariza, serve. "A verdade vos libertará" (Jo 8,32). É a verdade que cumpre a lei. Protege o fraco. Promove o bem-comum. Busca a justiça, respeita. As Democracias modernas nasceram sob a égide do princípio do respeito às regras do jogo. Sua origem está na cultura hebraico-cristã. Aos trancos e barrancos, sim, mas foi ela que desenvolveu a base para a relação respeitosa entre indivíduos e povos. Os atuais dirigentes máximos do país norteiam-se por princípios ideológicos de outra natureza. Parecem odiar o esforço individual, a criação, o mérito, o sucesso. Mas sugam e minguam o ganho de quem trabalha e cria riqueza. A confusão e ambiguidade da ideologia bolivariana fazem muito mal aos países que a adotaram. Corrompe princípios e distorce valores. É preciso voltar à reta reflexão sobre a natureza humana e a partir dela reconstruir a justiça nas relações coletivas.

Antônio Frederico Zancanaro
anfrezza@uol.com.br



E SE FICARMOS SEM SACERDOTES?

O cristianismo tem sua origem em Jesus de Nazaré. Porém, Jesus não foi sacerdote. Jesus foi um leigo, que viveu e ensinou sua mensagem como leigo. Jesus reuniu um grupo de discípulos e nomeou doze apóstolos

Recordemos como a Igreja do primeiro milênio teve um conceito da vocação sacerdotal muito distinto do que temos agora. Hoje, pensamos que a vocação é o "chamado de Deus" para que um cristão, com a aprovação do bispo, possa ser ordenado sacerdote. Nos primeiros dez séculos da Igreja, se pensava que a vocação era o "chamado da comunidade" para que um cristão fosse ordenado sacerdote. Porém, acontece que, nesse momento, a escassez de vocações é um fato tão notável que até os políticos democrata-cristãos da Alemanha divulgaram uma carta na qual pedem ao episcopado que homens casados possam ser ordenados sacerdotes. Até os homens

da política andam preocupados com a forma pela qual as coisas acontecem na Igreja, entre outros motivos, pela alarmante falta de sacerdotes para atender as necessidades espirituais dos católicos.

Assim estão as coisas nesse momento. Os bispos - já disseram os alemães - não estão dispostos a suprimir a lei do celibato. E estariam menos dispostos ainda a tomar decisões mais radicais no que se refere ao clero, especialmente no que diz respeito à necessidade de que na Igreja haja sacerdotes para ministrar os sacramentos. Não sei se os bispos cederão nesse delicado assunto. E caso cedam, quanto? Independente de tudo isso, me parece que chegou o momento de enfrentar esta pergunta: E se chega o dia em que fiquemos praticamente sem sacerdotes? Seria o fim da Igreja?

O cristianismo tem sua origem em Jesus de Nazaré. Porém, Jesus não foi sacerdote. Jesus foi um leigo, que viveu e ensinou sua

mensagem como leigo. Jesus reuniu um grupo de discípulos e nomeou doze apóstolos. Porém, aquele grupo estava composto por homens e mulheres que iam com ele de povoado em povoado (Lc 8, 1-3; Mc 15, 40-41).

A morte de Jesus na cruz não foi um ritual religioso, mas a execução civil de um subversivo. Por isso, a Carta aos Hebreus diz que Cristo foi sacerdote. Porém, esse escrito é o mais radicalmente leigo de todo o Novo Testamento. Porque o sacerdócio de Cristo não foi "ritual", mas "existencial". Ou seja, o que Cristo ofereceu não foi um rito cerimonial em um templo, mas sua existência inteira, no trabalho, na vida com os demais e, sobretudo, na horrível morte que sofreu. Nem mais, nem menos que isso. O sacerdócio cristão, tal como se vive na Igreja, não tem fundamento bíblico algum. Por isso, na Igreja não tem que haver homens "consagrados". O que tem que haver são homens e mulheres "exem-

plares". O "sacerdócio santo" e o "sacerdócio real" do qual fala a 1ª Carta de Pedro (1, 5.9) é uma mera denominação "espiritual" de todos os cristãos.

Além, em todo o Novo Testamento, jamais se fala de "sacerdotes" na Igreja. É mais, está bem demonstrado que os autores do Novo Testamento, desde São Paulo até o Apocalipse, evitam cuidadosamente aplicar a palavra ou o conceito de "sacerdote" aos que presidiam nas comunidades que iam formando. Essa situação manteve-se até o século III. Isto é, a Igreja viveu durante quase duzentos anos sem sacerdotes. A comunidade celebrava a Eucaristia; porém, nunca se diz que era presidida por um "sacerdote". Nas comunidades cristãs havia responsáveis ou encarregados de diversas tarefas; porém, não eram considerados homens presbíteros.

José María Castillo
www.ihu.unisinos.br

INDULGÊNCIAS

Num jornal de grande circulação em Minas Gerais, alguém fez publicar, no dia 18 de julho de 2013, a seguinte notícia, no mínimo, curiosa: "Oportunidade aos pecadores: o papa Francisco dará indulgência aos fiéis que seguirem a Jornada Mundial da Juventude pelo Twitter, pelo Facebook ou pela televisão". A passagem pelo purgatório será bem menor.

Primeira hipótese: Absurda! Ninguém, em sã consciência, vai pensar que o papa mandou publicar esse disparate no jornal. Um esclarecimento se faz necessário.

Segunda hipótese: Condenável! Alguém, movido por segundas intenções, seria o infeliz autor dessa sandice, para divulgar, pelos meios eletrônicos, a vinda do papa ao Brasil, apesar de estar explorando a boafé do povo. Nestes termos, fica caracterizada uma "propaganda enganosa".

Mas o que é mesmo INDULGÊNCIAS? O dicionário "Novo Aurélio" 4ª edição, diz o seguinte: "clemência", "misericórdia", "tolerância", "benevolência".

Na linguagem da doutrina católica, "indulgência" - que provém do verbo latino indulgeo (= ser gentil) é o perdão fora dos sacramentos, total ou parcialmente, da pena temporal devida pelos pecados que já foram perdoados. Diz mais: "Embora no Sacramento da Penitência a culpa do pecado é removida, e com ele o castigo eterno devido aos pecados mortais, ainda permanece a pena temporal exigida pela justiça Divina, e essa exigência deve ser cumprida na vida presente ou no mundo vindouro, isto é, no Purgatório".

Sem adentrar na exegese, vejo aqui algumas afirmações que, aparentemente, contrariam o que está claro no Evangelho, em inúmeras passagens. Sabe-se, a priori, que os sacramentos não têm eficácia ex opere operato, ou seja, não agem única e exclusivamente por força própria, independente da vontade da pessoa que os recebe. Assim fosse, pouca diferença teriam de uma "panacéia". Dentro desse viés estar-se-ia afirmando que quem administra um sacramento tem um poder igual ou maior do que o do próprio Deus, que respeita, acima de tudo, a vontade de suas criaturas.



Sabemos que no tempo de Jesus, a doença, a paralisia, a lepra, a possessão demoníaca e muitas outras situações semelhantes eram atribuídas ao pecado ou mesmo identificados com ele.

Nos episódios da cura do leproso (Mt. 8, 1-4); da cura do servo do Centurião (Mt. 8, 13); da cura dos dois cegos (Mt. 9, 29); da cura dos cegos de Jericó (Mt. 29, 32); da cura dos dez leprosos (Lc. 17, 19), e outros, Jesus operou os "milagres" (perdoou os pecados?) dependendo, unicamente, da fé demonstrada pelos suplicantes. Em nenhum dos casos Ele falou que alguma coisa ainda estava pendente, ou seja, que eles precisavam de indulgências.

Essa situação fica mais clara ainda quando a gente se depara com a parábola do "filho pródigo". Aquele filho, depois de ignorar o amor e o carinho do pai e, que na linguagem evangélica, devorou com prostitutas os bens que o pai lhe tinha dado, foi recebido com um abraço, anel no dedo, roupa nova, sandálias nos pés e banquete. E o que foi que ele fez para merecer tudo isso?

Dentro da lógica das "indulgências", seria, no mínimo, razoável, que o pai, depois de perdoá-lo na porta da casa e antes de botá-lo pra dentro, o mandasse ir ajudar o outro irmão que estava "dando o duro na roça". Mas não foi isso que aconteceu.

Então o quê foi?

Vamos ao texto do Evangelho de Lucas, cap. 15, 11-30: ... "e caindo em si, disse: Vou-me embora, procurar meu pai e dizer-lhe: Pai, pequei contra o céu e contra ti".

E qual foi a atitude do pai?

- Misericórdia, bondade, acolhimento e perdão.

Logo, com duas premissas verdadeiras: pecador arrependido + Pai misericordioso, a "conclusão" única e lógica só pode ser: perdão total.

Consequentemente, não haveria aqui, lugar para um possível "purgatório" para expiar penas remanescentes.

Ad rgumentandum tantum, voltemos no tempo, e paremos no topo de uma pequena colina nos arredores da cidade de Jerusalém, numa lúgubre tarde de uma sexta-feira. Aí, entre dois ladrões, a inveja dos poderosos de Israel tinha mandado crucificar um homem chamado Jesus. "Em determinado momento um dos ladrões, arrependido de seus crimes e reconhecendo Deus em Jesus, pediu perdão e ouviu de sua boca a seguinte resposta: Em verdade, eu te digo, hoje mesmo estará comigo no paraíso" (Lc. 23, 43).

Mas, qual é a origem deste termo "indulgência" na história da Igreja?

A partir do século III as autoridades eclesásticas concediam aos cristãos indulgências para reduzir as penitências físicas que, naquele tempo, eram longas e severas. Nada, contudo, relativo à remissão de supostas penas devidas aos pecados já perdoados. No século VI o Concílio de Borgonha comutou as graves penitências canônicas, que geralmente eram aplicadas às pessoas que se diziam pecadoras, por penitências ditas leves, como orações, esmolas e jejuns, a que se atribuía força expiatória.

Até o século XII donativos pecuniários e em gêneros, para a Igreja, eram aceitos como práticas penitenciais que, também, perdoavam penas devidas pelos pecados.

Em 1300 o Papa Bonifácio VIII instituiu o primeiro jubileu cristão, concedendo "indulgência extraordinária e plenária" a quem fizesse uma peregrinação à cidade eterna, Roma, para visitar o túmulo do Apóstolo Pedro e, aí depositar seus donativos que

tinham força remissiva de penas eternas... A partir daí, a cada 50 anos um "novo jubileu" era proclamado, para que as pessoas, num determinado tempo preestabelecido pelo Papa, pudessem praticar exercícios espirituais ou não, mas com objetivo específico, que, afinal lhes mereceriam redução de penas (...) devidas pelos pecados. Aí a febre das "indulgências" chegou a explodir o termômetro... Aliaram-se a má-fé do clero e a ignorância do povo, de tal sorte que os abusos com vendas de indulgências era o que mais se via nas portas das igrejas. Essa abominável prática tornou-se tão comum que se dizia de "boca cheia": "Assim que uma moeda tilinta no cofre (da igreja) uma alma sai do purgatório".

Em 1517 o papa Leão X vendo os cofres do Vaticano vazios, e como ele estava construindo a Basílica de São Pedro, a única solução foi oferecer "indulgências" (remissão de penas) em troca de dinheiro. Martinho Lutero, que, há muito, não via com bons olhos os desmandos do Vaticano, mas agora, com a venda escancarada de indulgências, abriu dissidência contra o Papa, originando-se, assim o protestantismo.

Em 1562 o Concílio de Trento, reconhecendo os absurdos que até aí eram cometidos, tentou ditar normas que proibiam essas práticas abomináveis, e determinou que os benefícios das indulgências deveriam ser concedidos a todos os fiéis por "meio de uma via piedosa, santa e livre de corrupção" (Sessão 25 - Decreto sobre indulgência), mas não cortou o mal pela raiz.

Infelizmente essas orientações conciliares, por algum tempo ainda, continuaram sendo "letra morta". Em 1567 o Papa São Pio V cancelou definitivamente todas as concessões de indulgências, envolvendo taxas ou outras transações financeiras.

De lá até nós já se passaram séculos, mas ao que parece, ainda não foram suficientes para que a hierarquia católica explicasse e esclarecesse em que, de fato, consistem as tais "indulgências", e, na prática, "tudo continua como dantes no quartel d'Abrantes".

Belo Horizonte, 19/07/2013
José Lino de Araújo

A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E O NOVO PONTÍFICE

O outro Papa, o outro Boff...

Em torno à visita do Papa Francisco ao Brasil, nos últimos dias de julho, o teólogo brasileiro da libertação e da ecologia, Leonardo Boff, não poupou elogios para o novo Bispo de Roma, a quem considerava um homem "livre de espírito"; o compara, em certas virtudes, ao próprio Francisco de Assis e o reivindica por seu "esplêndido resgate da razão cordial". Para Boff, o chefe vaticano é "uma figura fascinante que chega ao coração dos cristãos e de outras pessoas".

O legado maior durante sua visita ao Brasil foi sua (própria) figura, enfatizou Boff em uma entrevista concedida a esse correspondente, após a conclusão da viagem do Pontífice. "Representou o mais nobre dos líderes, o líder servidor que não faz referência a si mesmo, mas aos demais, com carinho e cuidado, evocando esperança e confiança no futuro...".

No diálogo, Boff, que havia sido duramente condenado ao "silêncio e à obediência" pelo Vaticano, em 1985, por sua conceitualização e compromisso com a Teologia da Libertação, reivindicou o que para ele são os aspectos essenciais deixados por esse primeiro contato do Papa com a América Latina.

Apresentou uma "visão humanística na política, na economia, na erradicação da pobreza". Criticou duramente o sistema financeiro...; definiu a democracia como 'humildade social'; reivindicou o direito dos jovens a ser escutados", enumera Boff.

Ressaltando a contribuição do Pontífice no campo da ética, "fundada na dignidade transcendente da pessoa", e expressada dessa forma em seu "discurso recorrente".

O teólogo brasileiro e Prêmio Nobel Alternativo da Paz de 2001 considerou, no entanto, que durante a estadia brasileira do Sumo Pontífice "o campo religioso foi o mais fecundo e direto". O discurso "mais severo foi reservado para os bispos e cardeais latino-americanos (Celam). Reconheceu que a Igreja - e também se incluiu - está atrasada no que se refere à reforma de suas estruturas... Criticou a

'psicologia principesca' de alguns membros da hierarquia".

Antecipando também os dois eixos principais da pastoral segundo a visão do novo Papa: "a proximidade ao povo e o encontro marcado de carinho e ternura...". Falou, inclusive -enfatiza Boff- "da revolução da ternura, coisa que ele demonstrou viver pessoalmente".

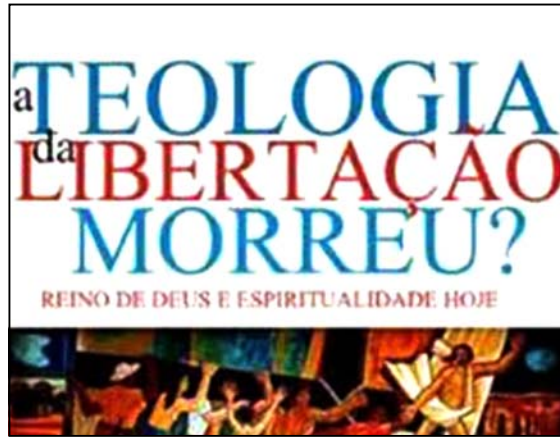
Desde o dia da eleição do Cardeal Jorge Bergoglio ao papado, Leonardo Boff, que, em 1992, chateado pelo mau trato vaticano havia se retirado do sacerdócio, reorientou bruscamente sua respeitada voz para a defesa do novo Pontífice. Nunca entrou no debate sobre o papel que o Cardeal e a hierarquia argentina jogaram durante a última ditadura militar.

Apenas seis anos atrás, em maio de 2007, às portas da 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, que se realizaria mais tarde em Aparecida e onde Bergoglio jogou um papel muito importante, Boff havia catalogado uma boa parte da hierarquia católica como de "burocratas do sagrado", em uma entrevista anterior com esse correspondente. Exteriorizando sua leitura então céptica em relação à situação geral da Igreja; sua capacidade estrutural à mudança; e sua rigidez para abrir-se aos grandes temas desafiadores da humanidade, em particular a ecologia e a própria renovação institucional interna.

Os dois Papas anteriores, João Paulo II e Bento XVI, foram para Boff e para inúmeros teólogos, principalmente da América Latina, os principais responsáveis por tentar deslegitimar a Teologia da Libertação, seus teóricos e promotores, bem como suas propostas organizativas, em particular as Comunidades Eclesiais de Base, tão amplamente desenvolvidas em todo o continente.

Havia sido o Cardeal Ratzinger, então Prefeito da Congregação da Doutrina da Fé e, posteriormente, Papa Bento XVI, um dos responsáveis diretos da sanção vaticana contra Boff.

No entanto, a eleição do



Primeiro Papa latino-americano, em março passado, converteu-se em um verdadeiro choque de esperança e ponto de partida de uma mudança radical de percepção e valorização por parte do teólogo da libertação. Quem não escondeu seu desejo explícito, antes ou depois, de ser recebido por Francisco I e o presenteou, por ocasião de sua estadia no Rio de Janeiro, com um exemplar de seu último e sugestivo livro "Francisco de Assis e Francisco de Roma: Uma nova primavera na Igreja".

Todos os sinais que indicariam a abertura de um processo paulatino para a eventual "normalização" de relações entre Boff - enquanto cabeça visível desse setor castigado da igreja popular - e o poder hierárquico romano.

Apesar de que o desenlace do processo de aproximação permanece em aberto, os sinais indicativos, reforçados durante a viagem do Papa Francisco ao Brasil, são relevantes.

Em primeiro lugar, a vontade explícita de Boff e Francisco de avançar no processo de encontro. A existência de importantes canais que facilitam a comunicação quase direta entre ambos. Sem menosprezar, adicionalmente, as atualizadas reflexões de Boff - e outros referentes do setor popular da Igreja - que, nos últimos quatro meses não deixou de reivindicar as virtudes do novo papa. A partir de quem, o teólogo brasileiro acredita perceber a possibilidade de mudança interna de uma Igreja até agora dirigida, quase exclusivamente, por

dois burocratas do sagrado.

Comentário: Os teólogos da libertação e o Papa Francisco - Os gestos de simplicidade, de modéstia e de aproximação às pessoas por parte do papa Francisco, até agora, têm sido, para teólogos como Leonardo Boff, a prova mais contundente de uma mudança positiva dentro da Igreja desde março desse ano.

É possível que no caso do Prêmio Nobel Alternativo 2001, pesem também fatores subjetivos para enfatizar os sinais de abertura. Chegando aos 75 anos, Boff, que nunca renunciou à sua profunda fé, à sua pertença à Igreja e à sua adesão aos valores cristãos, quer terminar seus dias em "paz" com a instituição onde nasceu, cresceu e "militou". A reconciliação da Igreja com Boff - após ser condenado ao silêncio total em 1985 - seria, formalmente, o reconhecimento de um erro ou excesso institucional. Não só para com o teólogo brasileiro, mas, sobretudo, para com a Teologia da Libertação, nascida na América Latina e enraizada solidamente nesse continente.

A visão positiva para com Francisco é partilhada total ou parcialmente por outros referentes dessa linha de pensamento. Seu compatriota e amigo, Frei Betto, em uma carta pública enviada ao Papa dias antes de sua viagem ao Brasil, enfatizava: "O senhor injetou em todos nós renovadas esperanças na Igreja Católica ao adotar atitudes mais próximas ao Evangelho de Jesus que as rubricas monárquicas predominantes no Vaticano...". E rei-

vindica o gesto do Papa de criticar abertamente, na Ilha de Lampedusa, "a globalização da indiferença".

Por seu lado, o teólogo jesuíta salvadorenho-espanhol Jon Sobrino, outro referente do setor popular da Igreja, ressaltava, em junho, em um artigo publicado na revista da Universidade Centro-americana de seu país, que "depois de dois meses e meio de ter sido eleito, o Papa Francisco continua seu caminho de um modo claro e coerente". Insistindo que se respiram ares de mudança, como os do Vaticano II (Concílio reformador que aconteceu nos anos 60) e de João XXIII (o Papa bom). Apesar de que enfatizava que está por ver-se como se posicionará ante o capitalismo internacional e como empreenderá de verdade a reforma da Cúria...

O sacerdote peruano Gustavo Gutiérrez, um dos pais fundadores da Teologia da Libertação, manifestou nos últimos meses uma particular esperança na dinâmica atual da Igreja. Gutiérrez acaba de publicar na Itália o livro "De la parte de los pobres, Teología de la Liberación, Teología de la Iglesia" (Edições Messaggero, Padua, Emi). Antologia de ensaios impressa na Alemanha, em 2004 e escrita a quatro mãos com o arcebispo alemão Gerhard Ludwig Müller, atual Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e amigo íntimo de Gutiérrez. Recentemente, Müller declarou que "O movimento eclesial teológico da América Latina, conhecido como 'Teologia da Libertação', que após o Vaticano II encontrou eco em todo o mundo, deve ser considerado, segundo meu parecer, entre as correntes mais significativas da teologia católica do século XX".

Apesar de que os sinais de aproximação entre Roma e a Teologia da Libertação, transitam uma primeira etapa, nunca nos últimos trinta anos haviam sido tão significativas, bilaterais e consequentes como nos últimos cinco meses.

Sergio Ferrari
www.adital.com.br

FRANCISCO E O PÂNICO DA "DIREITA" ECLESIAL

O arcebispo Charles Chaput, da Filadélfia, nos Estados Unidos, expressa em palavras a ansiedade que muitos católicos da ala direita devem estar sentindo diante da extraordinária popularidade que o Papa Francisco vem desfrutando.

Em uma entrevista com John L. Allen Jr., Chaput, falando em nome dos seus seguidores conservadores, disse que os membros da ala direita da Igreja Católica "geralmente não têm ficado muito felizes com a sua eleição". O papa, disse Chaput, "terá que cuidar deles também".

O que preocupa Chaput, em particular, é o súbito interesse pelo novo papa em ambientes não familiares. Os católicos praticantes amam o papa, é claro, "mas, na verdade, eles não são os que realmente falam comigo sobre o novo papa. Quem faz isso são os católicos não praticantes, ou pessoas que não são católicas ou nem mesmo cristãs".

E por que deveria ser assim? Chaput tem as suas suspeitas: sim, esses forasteiros estão entusiasmados com a afabilidade e o calor do novo papa, mas "eu acho que eles



prefeririam uma Igreja que não tivesse normas e ideias rígidas sobre a vida moral e sobre a doutrina".

Uau! Por onde começamos? Poderíamos falar da parábola do filho pródigo, já que Chaput realmente soa muito como o irmão mais velho do jovem aventureiro, aquele que ficou em casa e trabalhava duro com o seu pai e que se ressentiu quando o velho homem matou o vitelo gordo por causa do retorno do seu irmão. Ou poderíamos falar do

pastor que se regozijou ao encontrar a sua ovelha perdida.

Mas, ao contrário, foquemo-nos no que significa ser uma Igreja evangélica. Há já algum tempo, décadas, na realidade, a Igreja tem se curvado sobre si mesma. Isso é mais especialmente perceptível em círculos conservadores. A cultura é vista como hostil. A cultura ambiente é "pagã", para usar a descrição de Chaput. De fato, ele até chamou alguns católicos de pagãos com relação à abordagem deles à fé.

Mas gritar "pagão, pagão!" não é forma de ganhar almas. E isso fica evidente até mesmo pela mais breve consideração das estatísticas dos membros católicos. A filiação católica cresceu na África, mas perdeu membros na América Latina para formas mais entusiastas de protestantismo evangélico. E, nos Estados Unidos, a adesão católica estaria em declínio se não fosse impulsionada pela imigração.

A resposta favorita da ala direita a essas tendências sombrias é culpar a esquerda. Mas a ala direita precisa saber que ela controlou a hierarquia da Igreja durante cerca de três

décadas. É a ala direita que deve se olhar no espelho. Uma forma mais rigorosa da polícia de fronteira não vai atrair forasteiros; ela irá repeli-los. E, de fato, os repeliu.

Francisco captou exatamente a mensagem e o tom. Jesus, afinal, não veio para os salvos, mas sim para os pecadores. Ele ceou com os cobradores de impostos. Ele rotineira e frequentemente perdoava prostitutas. Ele foi seguido na sua evangelização por mulheres que não vinham de lares respeitáveis. Ele prometeu a água da vida eterna a uma mulher que, até então, coabitava fora do casamento.

A nova evangelização, sobre a qual muitos na direita católica falam, não se trata de novas e melhores formas de segurança de fronteira. Trata-se da imitatio Christi - a imitação de Cristo. Como Cristo, Francisco busca ser evangélico, e isso significa encontrar as pessoas onde Cristo as encontrou - desesperadas, precisando de perdão e de amor - e oferecer-lhes esperança.

Charles J. Reid Jr, formado em direito canônico e civil

www.ihu.unisinos.br

A REFORMA POLÍTICA QUE AS RUAS ESTÃO PEDINDO

Os protestos populares do mês de junho são reflexo do esgotamento da paciência, uma virtude cristã muito recomendada. Representam a gota d'água que faltava para o copo transbordar. Graças à imprensa livre, a troca intensa de informações, ideias e sentimentos, foi possível a explosão de manifestações que sintetizam a insatisfação de grande parte da sociedade, contra a falta de seriedade, corrupção e desmandos daqueles que receberam a incumbência de reger a construção do bem comum. A sociedade sinalizou com um basta à grande maioria dos políticos que, após a eleição, se portam como se a vitória fosse puro mérito e "se lixam" para aqueles que neles votaram. Cansou-se da dança do deboche. Apercebeu-se que a criatura Dilma, fruto de marketing político de seu criador e assessorada por ideólogos que regem seu pensamento por uma única verdade - a do comunismo bolivariano - é fraca e despreparada. Foi o que percebeu uma das líderes do passe livre. Agora que o copo transbordou apresenta à sociedade 5 pactos - um deles político - na tentativa de acalmar os ânimos. As propostas apresentadas são um equívoco, disse Joaquim Barbosa, Presidente do STF. Sim, parece que não entendeu o grito cansado das ruas. O povo não foi às ruas por plebiscito nem por referendo.

Se os dirigentes do país tivessem estudado, cuidadosa e calmamente, o processo de evolução do pensamento político que permitiu



à história gerar as modernas democracias, teriam percebido que elas nasceram a partir de um "pacto" social, a CONSTITUIÇÃO. A Constituição foi o instrumento usado para tornar todos iguais a partir da Lei. Mas, os governantes parecem longe de entender isso. Portam-se como cidadãos de categoria superior. Concedem-se todos os tipos de privilégios, ignorando o princípio constitucional básico da igualdade. Aposentadorias especiais, que são verdadeiros atentados contra quem trabalha e produz; polpuda verba de gabinete, passagens aéreas, carro com motorista particular, auxílio moradia,

paletó, gasolina, correio, telefone, e, agora, carregador de mala e estafeta de check-in em aeroporto, tudo às custas dos cidadãos que trabalham e produzem para garantir-lhes a boa vida. Essa é a percepção da sociedade.

O que mais as ruas dizem? Pacto bolivariano para legitimar esperanças corruptas que se apossaram da "res publica"? Não! As propostas que vem das ruas são muito simples e didáticas.

1. Redução, de 513 para 250, o número de deputados, que sejam produtivos e trabalhem 44 horas semanais, como todos os demais cidadãos;

2. Redução de 81, para 50 o número de senadores e fim do senador suplente;

3. Fim da reeleição para Presidente;

4. Fim da figura de Vice-Presidente;

5. Fim do privilégio dos cartões corporativos;

6. Eliminação de 80% dos cargos comissionados e assessores;

7. Fim das aposentadorias especiais, com contribuição ao INSS como os demais cidadãos.

O Parlamento sueco é excelente local de inspiração. Só com a redução a 250 do número de deputados, sobriam por ano mais de

2 bilhões de reais, dinheiro bem-vindo para educação, saúde, transporte, infraestrutura, etc.

E, mais: Para que servem 39 Ministérios? Para satisfazer partidos e garantir mais um mandato? Eliminem-se 29; pelo que produzem, 10 são suficientes.

Se não se deram conta ainda, sintam-se avisados. Esse é o sinal que vem das ruas. O povo está cansado de desvios, de corrupção e de ser enganado. Entendam sua vocação política como serviço à sociedade, do jeito que propalaram quando vieram, em campanha, pedir o voto. Para que 5 pactos? A Constituição já contém os princípios e os valores que devem embasar as reformas. Diz o que deve ser feito. É preciso fazer.

Em nome da liberdade, igualdade e fraternidade, valores da cultura hebraico-cristã base das modernas democracias sejam sinceros, corretos, justos e éticos. Respeitem a Constituição e façam as reformas pontuais que a conjuntura dos novos tempos está a exigir. Sem arranjos casuísticos e segundas intenções. Estudem para compreender quais mecanismos devem ser adotados para tornar a sociedade mais livre, fraterna e justa. O povo quer evoluir. Não lhe neguem o que ele está pedindo de mais sagrado: educação, cultura, saúde, meios dignos de transporte e a possibilidade de crescer em liberdade.

Antônio Frederico Zancanaro
anfrezza@uol.com.br

A PLEBE E A NOBREZA

A esperança é que se abram os canais entre a plebe e o trono, o clamor popular encontre ouvidos no castelo, as demandas sejam prontamente atendidas.

Era uma vez um reino governado por um rei despótico. Sua majestade oprimia os súditos e mandava prender, torturar, assassinar quem lhe fizesse oposição. O reino de terror prolongou-se por 21 anos.

Os plebeus, inconformados, reagiram ao déspota. Provaram que ele estava nu, denunciaram suas atrocidades, ocuparam os caminhos e as praças do reino, até que o rei perdesse a coroa.

Vários ministros do rei deposto ocuparam sucessivamente o trono, sem que as condições econômicas dos súditos conhecessem melhoras. Decidiu-se inclusive mudar a moeda e batizar a nova com um título nobiliárquico: real.

Tal medida, se não trouxe benefícios expressivos à plebe, ao menos reduziu as turbulências que, com frequência, afetavam as finanças da corte.

Ainda insatisfeita, a plebe logrou conduzir ao trono um dos seus. Uma vez coroado, o rei plebeu tratou de combater a fome no reino, facilitar créditos aos súditos, desonerar produtos de primeira necessidade, ao mesmo tempo em que favorecia os negócios de duques, condes e barões, sem atender aos apelos dos servos que labutavam nas terras de extensos feudos e clamavam pelo direito de possuir a própria gleba.

O reino obteve, de fato, sucessivas melhoras com o rei plebeu. Este, porém, aos poucos deixou de dar ouvidos à vassalagem comum e cercou-se de nobres e senhores feudais, de quem escutava



conselhos e beneficiava com recursos do tesouro real. Obras suntuosas foram erguidas, devastando matas, poluindo rios e, o mais grave, ameaçando a vida dos primitivos habitantes do reino.

Para assegurar-se no poder, a casa real fez um pacto com todas as estirpes de sangue azul, ainda que muitos tivessem os dedos multiplicados sobre o tesouro real.

Do lado de fora do castelo, os plebeus sentiam-se contemplados por melhorias de vida, viam a miséria se reduzir, tinham até acesso a créditos para adquirirem carruagens próprias.

Porém, uma insatisfação pairava no reino. Os vassallos eram conduzidos ao trabalho em carroças apertadas e pagavam caros reais pelo transporte precário. As escolas quase nada ensinavam além do beabá, e os cuidados com a saúde eram tão inacessíveis quanto as joias da coroa. Em caso de doença, os súditos padeciam, além das dores do mal que os afetava, o descaso da casa

real e a inoperância de um SUSistema que, com frequência, matava na fila o paciente em busca de cura.

Os plebeus se queixavam. Mas a casa real não dava ouvidos, exceto aos aplausos refletidos nas pesquisas realizadas pelos arautos do reino.

O castelo isolou-se do clamor dos súditos, sobretudo depois que o rei abdicou em favor da rainha. Infestado de crocodilos o fosso em torno, as pontes levadiças foram recolhidas e as audiências com os representantes da plebe canceladas ou, quando muito, concedidas por um afável ministro que quase nenhum poder tinha para mudar o rumo das coisas.

Em meados do ano, a corte promoveu, com grande alarde, os jogos reais. Vieram atletas de todos os recantos do mundo. Arenas magníficas foram construídas em tempo recorde, e o tesouro real fez a alegria e a fortuna de muitos que orçavam um e embolsavam cem.

Foi então que o caldo entornou. A plebe, inconformada com o alto preço

dos ingressos e o aumento dos bilhetes de transporte em carroças, ocupou caminhos e praças. Pesou ainda a indignação frente à impunidade dos corruptos e a tentativa de calar os defensores dos direitos dos súditos contra os abusos dos nobres.

A vassalagem queria mais: educação da qualidade à que se oferecia aos filhos da nobreza; saúde assegurada a todos; controle do dragão inflacionário cuja bocarra voltara a vomitar chamas ameaçadoras.

Então a casa real acordou! Arco-tes foram acesos no castelo. A rainha, perplexa, buscou conselhos junto ao rei que abdicara. Os preços dos bilhetes de carroças foram logo reduzidos.

Agora, o reino, em meio à turbulência, lembra que o povo existe e detém um poder invencível. O castelo promete abrir o diálogo com representantes da plebe. Príncipes hostis à rainha ameaçam tomar-lhe o trono. Paira no horizonte o perigo de algum déspota se valer do descontentamento popular para, de novo, impor ao reino o regime de terror.

A esperança é que se abram os canais entre a plebe e o trono, o clamor popular encontre ouvidos no castelo, as demandas sejam prontamente atendidas.

Sobretudo, dê a casa real ouvidos à voz dos jovens reinóis que ainda não sabem como transformar sua indignação e revolta em propostas e projetos de uma verdadeira democracia, para que não haja o risco de retornarem ao castelo déspotas corruptos e demagogos, lacaios dos senhores feudais e de casas reais estrangeiras.

Frei Betto
Correio Riograndense

OS ELEMENTOS DA NATUREZA ENSINAM A RESSURREIÇÃO

Inutilmente, irmãos, abraçou a fé, inutilmente viveu quem julga ter nascido só para perecer.

O homem, que coisa vês que tenha o caso sem renascer? De manhã se ergue o dia e à tarde é sepultado na noite, para ressurgir na manhã seguinte.

O sol diariamente nasce, diariamente morre, também diariamente ressurgir.

As estações, quando passam, morrem; quando retornam, revivem.

Portanto, ó homem, se não crês em Deus, se não aceitas a Lei, se não concordas com o que ouves, acredita ao menos em teus olhos, não resistas aos elementos que incessantemente anunciam tua ressurreição.

E se te são inferiores, se são sujeitos a teu poder, se ressurgem por obra de tua mão, ensinam-te que podes ressurgir por obra de Deus.

Vê a semente, como te convida o Apóstolo (Icor 15,36ss.). Toma um grão seco de trigo, destituído de sentidos, destituído de movimento; traça um sulco, escava a terra, faz um sepulcro, enterra o trigo, olha como morre, como os humores o intumescem, como o desfaz a podridão. E quando chega ao ponto que presumiam tua falta de fé, tua falta de esperança e a própria corrupção, imprevisivelmente revive, germina, cresce na erva, se enrijece no caule, amadurece na espiga e ressurgir em toda a beleza e forma que lastimavas morta. O



trigo, ó homem, não se oferece tanto à alimentação quanto à compreensão, não te convida tanto a trabalhar quanto a crer.

São Pedro Crisólogo
(+ c. 450)

ALQUIMIA E O POVO DE DEUS

Como aprendiz de Alquimia na Psicologia, cada vez fica mais notório para mim o significado e a importância da mitologia e dos deuses gregos, romanos e outros para o conhecimento de nossa psique, de nossa essência humana e, consequentemente, para o nosso crescimento como pessoa e entendimento dos demais. Pois deuses e deusas nada mais são que aspectos de nossa psique inconsciente.

Mas e a denominada "História do Povo de Deus" que nos relata a Bíblia em seu Primeiro Testamento?

O meu interesse a esse respeito surgiu desde cedo, quando minha mãe me deu a denominada "História Sagrada". E se intensificou aos meus 15 anos, quando ganhei de minha irmã a minha primeira Bíblia, por sinal um livro muito bonito com capa de madreperla amarelo-ocre.

Comecei a ler a Bíblia como se lê um livro comum - era o que eu sabia fazer na época.

Entendi nada! Aquelas histórias, tal qual os mitos, não têm como ser interpretadas literalmente e acabei por duvidar delas. Mas de alguma forma elas me atraíam e me deixavam intrigada principalmente porque a Bíblia é conhecida como sendo a "Palavra de Deus".

Querida entender. Procurava assistir às Missas nas quais, a meu ver, os padres explicavam melhor a "Palavra de Deus". E, aos poucos, fui captando algumas mensagens.

Minha mãe, por sua vez, pessoa que tenho como sábia, falava que não precisamos ficar buscando fora os conhecimentos, pois Deus nos deu a consciência que nos ensina como viver. Que lá no fundo sabemos bem o que é certo e o que é errado, o que devemos ou não fazer - é só aprender a ouvir a "voz da consciência" e segui-la.

Fiz essa pequena introdução para situar o contexto no qual eu cresci. Minha mãe, sábia professora que ajudou muita gente e meu pai, ferroviário, homem correto que sempre viveu para a família e para o trabalho. Ambos católicos, frequentavam a Missa e os Sacramentos, mas sem pieguice. Procurando sempre fazer o que era certo e transmitindo esses valores para suas duas filhas. Ambos muito exigentes em questão de valores.

Agora vamos ao núcleo do assunto - "Alquimia e a História do Povo de Deus".

Depois que passei a frequentar o curso de Alquimia na Psicologia, além de ir me afirmando como pessoa, ou seja, confirmando meus pensamentos que às vezes eram contrários aos de pessoas que me rodeiam, e também crescendo no conhecimento humano, o que muito ajuda a conviver com os demais,



comecei a desvendar os significados dos relatos Bíblicos. Juntei os conhecimentos que fui adquirindo na Alquimia com as conclusões adquiridas na convivência com o Lino, meu marido, e idéias de seus colegas, padres casados, sobre Religião.

E agora já posso colocar algumas descobertas singelas que fiz, mas que para mim são respostas importantes, que eu mesma estou me dando:

Na realidade, é linda a "História do Povo de Deus"! Ela relata uma história de Amor de Deus para com seu povo e de seu povo para com seu Deus. Deus sempre fiel, chamando o povo à crescer, a evoluir, através da boca dos Profetas, a aprender a amar e, por outro lado, o povo às vezes fiel, seguindo as Palavras dos Profetas, outras vezes caindo no oposto, duvidando, sendo infiel e se revoltando e reclamando contra Deus.

É a própria Alquimia da Vida. É a caminhada do "povo de Deus", como seu entendimento foi se transformando, como foi acontecendo seu crescimento espiritual. O Primeiro Testamento nos mostra a evolução da consciência de um povo e a evolução de sua visão em relação a Deus.

Hoje, por exemplo, entendo perfeitamente como Abraão escutou a voz de Deus, através do "Anjo" que não o deixou sacrificar seu filho. Esse Anjo pode ter sido uma projeção externa de sua própria consciência, criada à imagem de Deus.

Naquela época era costume de vários povos sacrificar a Deus ou aos deuses o que se tinha de melhor, fossem animais ou até mesmo pessoas. Era um tempo de muito atraso ainda. E Abraão, "homem correto e temente a Deus", teve a sensibilidade mais aguçada que os demais e percebeu que sacrificar seu filho era um crime terrível, que isso não poderia agradar à Deus.

E assim substituiu o sacrifício de seu filho pelo de um cordeiro.

Essa passagem bíblica mostra uma grande evolução na consciência de um povo.

Outro relato bíblico - Jardim do Éden, com suas duas árvores: a "Árvore da Vida" no centro e a "árvore do conhecimento do bem e do mal". Adão e Eva, ou seja, nós, a humanidade, podemos crescer, evoluir, nos alimentando do fruto da Árvore da Vida (Self, Si-Mesmo).

Mas se nos alimentarmos da árvore do bem e do mal (elementos inconscientes), seremos como deuses, conhecedores do bem e do mal e sofreremos (passagem indevidamente interpretada como castigo). É a célebre "queda", ou seja, o chamado "pecado original", pois está não lá no começo da história, mas na origem de uma nova fase mais consciente. A própria Bíblia nos diz sobre a "Felix Culpa" que nos mereceu tão grande Salvador (Jesus). Tudo isso nos mostra que o tão falado "pecado" de Adão e Eva, na realidade foi uma tomada de consciência. Foi a entrada da humanidade na idade da razão, por assim dizer, do conhecimento do bem e do mal.

Aprendi também, desta vez num curso bíblico que frequentei, que a Bíblia tem várias linguagens: mitológica, de parábolas, poética, romântica, teatral e muitas outras. Dessa forma, outra história intrigante sobre a qual C.G.Jung até escreveu um livro - "Resposta a Jó" (Ed. Vozes), eu tentei compreendê-la.

Pedindo desculpas ao nosso mestre Jung, fico com a interpretação do teólogo Ivo Storniolo, exposta em seu livro "O Livro de Jó" - o desafio da verdadeira religião (Editora Paulus): primeiro, nós nem podemos afirmar que Jó tenha realmente existido como pessoa ou se é apenas uma história para trazer uma mensagem.

Storniolo diz que a linguagem

do livro de Jó é teatral. Que todo aquele cenário é para nos mostrar outra mudança de pensamento, de entendimento, pois até então as pessoas pensavam que aqueles que possuíam bens eram abençoados por Deus e os que nada tinham eram amaldiçoados, era uma punição por seus pecados. E essa passagem quer mostrar que mesmo um homem justo como Jó também pode perder tudo, que o sofrimento é uma contingência humana e não castigo por algum pecado.

Até hoje ainda tendemos a nos questionar o que eu fiz para merecer isso? O sofrimento continua sendo um enigma que não compreendemos. Mas sabemos que castigo de Deus não é. Até Jesus, em sua grande sabedoria nos deixou isso bastante claro.

Outra reflexão minha é sobre os "Anjos" que falavam com os profetas. Podem ser espíritos externos? Talvez. Não conhecemos a outra dimensão da Vida. Mas também podem ser espíritos "internos". A hierarquia dos Anjos coincide com a hierarquia nossa, interna, à procura do "Si-Mesmo", da autenticidade, da consciência. Os "Anjos" que falaram com os Profetas podem ser uma projeção externa da própria consciência sensível que eles tinham.

Que mistério o Ser-Humano! Quem é esse Deus que gravou sua imagem no fundo de nossa consciência, que nós Junguianos denominamos de "Si-Mesmo", de "Self"?

"História do povo de Deus", Alquimia, Mitos e Contos de Fadas - tudo converge para o crescimento e evolução humana. Basta ter sensibilidade, basta aperfeiçoar nossa consciência, basta procurarmos crescer na verdadeira fé, para conseguirmos atingir nossa individuação, o "Reino de Deus" que começa aqui nesta terra.

José Lino de Araújo
joselinodearaujo@gmail.com

VIAGEM DE ALMIR À EUROPA

Desde o dia 10 de junho estamos fora do Brasil em nossa terceira viagem à Europa.

Chegamos dia 24/06 da Turquia, região da Antalya onde ficam os melhores Resorts e spas e amanhã 26 iremos a Munique acompanhados de uma prima de Itávia e esposo que falam o alemão. Em Zurich visitamos as igrejas de Grossmünster e Fraumünster vétero reformistas que foram palco dos debates entre Lutero e Zwingli sobre a Eucaristia.

Realmente é uma viagem por outro mundo, com uma cultura totalmente diferente. A Suíça não é apenas o País dos grandes túneis, picos, nevascas, grandes lagos, melhores queijos e relógios do mundo; é sobretudo um país da racionalidade, do armazenamento, da segurança, qualidade de vida, disciplina,

estabilidade econômica, tudo isto fruto de uma educação e índole do povo.

O perigo aqui não é a inflação mas a deflação.

É de admirar que num País quase perfeito e de tanto bem estar exista o maior índice de depressão e suicídio do mundo. Talvez por que por aqui o sol pouco aparece.

Deixamos Antalya com quase 40 graus e chegamos a Zurich com seis.

No feriado de 2 de Julho com fé em Deus retornaremos a Salvador. Já sentimos o cheirinho de casa. Rezamos a Deus para que ao regressarmos ao nosso País os baderneiros que sempre se manifestam em véspera de ano eleitoral já tenham se acalmado e o Brasil faça urgentemente a sua reforma política.

Preto comemoramos com Dom Antônio em Governador Valadares os seus 97 anos.



Almir Dias Simões
almirsim@ig.com.br

CARTA DE UM IDOSO: TEXTO PARA LER E REFLETIR

O dia em que este velho não for mais o mesmo, tenha paciência e me compreenda. Quando derramar comida sobre minha camisa e esquecer como amarrar meus sapatos, tenhas paciência comigo e lembra-te das horas em que passei te ensinando a fazer as mesmas coisas.

Se quando conversares comigo, eu repetir as mesmas histórias, que sabes de sobra como terminam, não me interrompas e me escute. Quando eras pequeno, para que dormisses, tive que te contar milhares de vezes a mesma estória até que fechasses os olhinhos.

Quando estivermos reunidos e sem querer fizer minhas necessidades, não fiques com vergonha. Compreendas que não tenho culpa disso, pois já não as posso controlar. Penses, quantas vezes, pacientemente, troquei tuas roupas para que estivessem sempre limpinho e cheiroso.

Não me reproves se eu não quiser tomar banho, sejas paciente comigo.

Lembra-te dos momentos que te persegui e os mil pretextos que inventava pra te convencer a tomar banho.

Quando me vires inútil e ignorante na frente de novas tecnologias que já não poderei entender, te suplico que me dê todo o tempo que seja necessário, e que não me machuques com um sorriso sarcástico.

Lembra-te que fui eu quem te ensinou tantas coisas. Comer, se vestir e



como enfrentar a vida tão bem como hoje o fazes. Isso é resultado do meu esforço da minha perseverança.

Se em algum momento, quando conversarmos, eu me esquecer do que estávamos falando, tenhas paciência e me ajude a lembrar. Talvez a única coisa importante pra mim naquele momento seja o fato de ver você perto de mim, me dando atenção, e não o que falávamos.

Se alguma vez eu não quiser comer, saibas insistir com carinho. Assim como fiz contigo.

Também compreendas que com o tempo não terei dentes fortes, e nem agilidade para engolir.

E quando minhas pernas falharem por estar tão cansadas, e eu já não conseguir mais me equilibrar...

Com ternura, dá-me tua mão para me

apoiar, como eu o fiz quando tu começas a caminhar com tuas perninhas tão frágeis.

E se algum dia me ouvires dizer que não quero mais viver, não te aborreças comigo. Algum dia entenderás que isto não tem a ver com teu carinho ou com o quanto te amo.

Compreendas que é difícil ver a vida abandonando aos poucos o meu corpo, e que é duro admitir que já não tenho mais o vigor para correr ao teu lado, ou para tomá-lo em meus braços, como antes.

Sempre quis o melhor para ti e sempre me esforcei para que teu mundo fosse mais confortável, mais belo, mais florido.

E até quando me for, construirei para ti outra rota em outro tempo, mas estarei sempre contigo e zelando por ti.

Não te sintas triste ou impotente por me ver assim. Não me olhes com cara de dó. Dá-me apenas o teu coração, compreenda-me e me apoie como o fiz quando começas a viver. Isso me dará força e muita coragem.

Da mesma maneira que te acompanhei no início da tua jornada, te peço que me acompanhes para terminar a minha. Trata-me com amor e paciência, e eu te devolverei sorrisos e gratidão, com o imenso amor que sempre tive por ti.

Atenciosamente, teu velho.

Autor Desconhecido

Envia: comunicacao@cfff.pt

PADRE JOSIMO MORAIS TAVARES

No dia 10 de maio completaram-se 27 anos da morte por assassinato do PADRE JOSIMO MORAIS TAVARES. Desejo refletir um instante sobre mais este sangue derramado sobre o solo brasileiro.

Josimo, nascido em Marabá (PA), recebeu a ordenação para o serviço no meio do povo em 1979. Logo em seguida foi nomeado para trabalhar numa área cheia de conflitos de terra, região situada, hoje em dia, no norte do estado do Tocantins, chamada de 'Bico do Papagaio'. Ele se tornou um dos coordenadores da Comissão da Pastoral da Terra (CPT), com sede na cidade de Imperatriz (MA). Em abril de 1985 recebeu ameaças de morte, que se concretizaram logo em seguida, no dia 10 de maio daquele mesmo ano, quando Padre Josimo covardemente foi assassinado, pelas costas, ao entrar na sede da CPT. O pistoleiro e mais quatro envolvidos foram presos e condenados a 18 anos de prisão. Os mandantes, porém, sendo eles dois fazendeiros e um juiz, nunca foram chamados, nem para prestar algum depoimento.

Estes fatos ocorreram há 27 anos. Talvez alguém pergunte, porque relembrar um acontecimento de tanto tempo atrás e tão distante da nossa vida.

Precisamos ficar bem informados sobre o que acontece em nosso país. A morte de Padre Josimo não é um fato isolado e distante de nós, ou então um assunto que não interessa. O relatório da Comissão da Pastoral da Terra de 2011 (ainda não disponho dos dados sobre o ano de 2012), a respeito da situação em que se encontra o homem no campo, nos dá uma idéia da realidade vivida

por tanta gente. Apresento apenas os dados mais alarmantes e preocupantes:

- * em 2011 foram assassinados 29 camponeses, isto é, gente pobre e simples do campo; destes 29, só no Pará foram ceifadas doze vidas;

- * foram registradas 347 ameaças de morte de trabalhadores rurais;

- * 89 trabalhadores do campo foram presos em 2011;

- * 215 foram agredidos;

- * em total foram envolvidas 603.355 pessoas em conflitos de terra, sendo quase a metade nos estados do Nordeste.

A situação no campo é de total insegurança, de guerra, de morte. A cada ano o número de assassinatos aumenta, a quantidade de conflitos cresce. Mortes sempre do lado dos posseiros e pobres agricultores. Do lado dos fazendeiros e poderosos, dificilmente alguém é preso. O famoso massacre, em 1996, de Eldorado dos Carajás, no Pará, no qual foram assassinados 19 posseiros, ainda não resultou na prisão de todos os envolvidos por parte da Polícia Militar do Pará. O processo em razão da morte da irmã Dorothy Stang, morta em 2005, ainda não resultou em justiça de verdade. Não aquela justiça triunfante de prender algum assassino ou, muito raramente, um mandante de assassinatos. A verdadeira justiça acontece, como nos diz Dom Helder, "quando acabam as grandes injustiças de uns sem saber o que fazer com tanta terra e milhões sem um palmo de terra para morar" (em sua súplica "Mariama", da Missa dos Quilombos). Justiça se concretiza quando, no campo, os pequenos agricultores com suas fa-



mílias possam possuir um pedaço de chão suficiente para o sustento de sua família, a fim de construir vida digna, isto é, com condições para lavrar a terra e escoar sua produção, com estradas trafegáveis, com educação escolar para os filhos, assistência na saúde para todos, ou seja, quando os governos municipais, estaduais e federal, coloquem em prática, de fato, políticas públicas que visem o bem desta parcela do povo brasileiro no meio da mata amazônica ou no sertão nordestino. Aqui, no Nordeste, essa situação do homem no campo ainda é agravada quando o povo, mais uma vez, passa por um período de seca que aflige milhares e milhares de famílias. Nós nos perguntamos: porque nunca tem dinheiro para fornecer água à população no sertão, ao menos água para beber? Como um governante pode dormir em paz, gastando bilhões e bilhões de reais em estádios, ou para aquele ridículo aquário em Fortaleza (350 milhões de reais!), e em outras obras supérfluas, enquanto o povo não tem nem sequer água para beber, dividindo com os animais o res-

tinho sujo, contido num poço ou em algum açude!? Até quando deixamo-nos enganar por aquela velha e contínua política de "panis et circenses"? Também é preocupante constatar que, diante de problemas tão graves, as igrejas cristãs, todas elas, ficam num silêncio cada vez mais ensurdecedor. Ninguém mais fala nada! Não há mais observância da tanta problemática vivida pelo povo. Não há mais senso crítico e, consequentemente, sumiu a denúncia, enquanto sabemos que é de tradição bíblica a denúncia do mal anteceder ao anúncio do bem. Sem denúncia, o anúncio se torna um vazio, sem fundamento e sem sentido, um mero palavratório "como um metal que ressoa, um címbalo retumbante" (cf. 1 Cor 13, 1), pois a verdadeira denúncia é feita por amor.

A morte do Padre Josimo, dos posseiros de Carajás, da irmã Dorothy, de tantos outros e de tantas outras não pode ser em vão. Um dia deverá "raiar o dia, no qual a luz brilhará como a aurora, a justiça irá à nossa frente e a glória de Javé nos acompanhará" (cf. Isaías 58). Isto, porém, depende também de nós. Não temos o direito de jogar os problemas criados pela própria humanidade lá para cima, para ver se Deus dê um jeito. Ele fez a parte dEle e estará sempre ao nosso lado, se nós fizermos a nossa! Paulo Freire dizia: "Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão". Ou seja, o nosso papel não é assistirmos, calados e passivos, o trem da história passar, e sim assumirmos a nossa responsabilidade pela sociedade em que vivemos.

Fortaleza, 07/05/2013
Geraldo Frencen



AS MULHERES PRESBÍTERAS EXIGEM DA IGREJA

- **Em justiça:** antes de tudo solicitamos tenha-se presente em forma irrefutável o valor infinito do Batismo, o qual é igual para todos, em sua dimensão divina.

O Canon 1024 da Igreja hierarquiza nos marginaliza como mulheres, uma vez que diz que só os varões podem receber validamente o Sacramento da Ordem.

Na Igreja institucional e conforme consta nas certidões de batismo, que nos foram expedidas, nós mulheres também fomos batizadas, fazendo uso do mesmo rito batismal com que se batiza um varão. Sendo testemunha a comunidade paroquial, que representa a Igreja Povo de Deus.

"Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, porque todos sois um em Cristo Jesus (Gál. 3:28).

- **Em justiça:** deve-se reconhecer o caminhar da Igreja Povo de Deus nas primeiras comunidades sustentadas, mantidas e organizadas por mulheres. Começando por Maria mãe de Jesus, que o apoiou em sua proposta libertadora, seguindo Ma-

ria Madalena, Marta, Maria de Cléofas, prima de Maria de Nazaré, Suzana, Joana mulher de Cusa, e outras mais (Lucas 8:3). Lídia, conhecida como a vendedora de púrpura (Atos 16:12-15), as 4 filhas de Felipe (Atos 21:9), Febe, a diaconisa da Igreja de Centrea (Rom. 16:1-2), Priscila (Rom. 16:3), Júlia ou Júnica (Rom. 16:7). De todas estas mulheres temos ouvido falar.

- **Em justiça:** enquanto o varão necessita da certeza de ver para crer, como no caso de Tomé (Jo 20:19-31), se reconhece que às mulheres nos assuntos relacionados com a essência divina não basta a chave do AMOR! Não em vão as mulheres foram as primeiras a anunciar e comunicar como testemunhas a Boa Notícia (Jo. 20:17).

- **Em justiça:** em nome de Deus pedimos nos deixem trabalhar no Gólgota. É ali onde conhecemos a redenção divina e de maneira inexplicável é ali onde todos os dias se crucifica, martiriza, marginaliza, oprime, rechaça os inocentes, homens e mulheres, por diretas ideias, opiniões, racismo, pobreza, orientação sexual, negando e ignorando cada vez a UNIDA-



DE (Jo. 17:21). Estamos conscientes que isto é um direito de filiação, já que fomos salvas pela mesma morte e ressurreição, e nosso compromisso irreversível é compartilhar esta Boa Nova; a meta é sem fronteiras! (MT. 28:18-20).

- **Em justiça:** não cremos que por anunciar o Evangelho como mulheres ordenadas mereçamos a "Latae sententiae", sendo olhadas de cima para baixo como seres estranhos a quem não se deve acolher e sim abandonar, burlar, difamar, ridicularizar, dentro de qualquer grupo humano chamado "católico" cristão. Assim mesmo cremos que antes de condenar-nos merecemos ser escutadas pelos

que nos julgam e decidem o que temos que fazer ou não fazer, sem nos consultar em nenhum momento. O Espírito pode também falar por nós, não se pode perder esta voz (Jo. 10:27).

- **Em justiça:** rechaçamos a "Delicta Graviora" revisada em 2001, onde se põe a ordenação das mulheres no mesmo nível dos graves crimes da pedofilia do clero, o que consideramos como um grave insulto à nossa dignidade.

- Nossas pretensões não são de poder mas de JUSTIÇA, servindo na Igreja para a Igreja, com a Igreja Povo de Deus. Libertando dos medos, curando das injustiças e opressões tanto da sociedade como da religião,

curando em comunhão ao pobre, ao rechaçado, marginalizado, por sua conduta sexual. Sendo a Eucaristia uma medicina, é contraditório negá-la a quem verdadeiramente dela necessita, que com fome e sede de justiça se aproxima a buscá-la.

Aqui o prioritário não é o gênero, nem situação civil, nem orientação sexual, mas o serviço aos filhos e filhas de Deus, de uma maneira inclusiva.

Nosso movimento cresce cada vez mais; não somos a "igreja das mulheres", nem outra "igreja".

Cada vez temos mais candidatas solicitando seu ingresso e formação.

Como discípulas e discípulos, criadas/os à imagem da Divindade, porém diferentes, seguiremos anunciando a Boa Nova na Igreja, com a Igreja, desde a Igreja.

Por sermos batizados e batizadas, tudo que sucede na Igreja é nossa responsabilidade e nos compete a TODOS/AS, papa, cardeais, bispos, sacerdotes, religiosos e leigos.

Olga Lucia Álvarez Benjumea - ARCWP
Tradução de Giba

É O MINISTÉRIO FEMININO UM DOM OU UM DIREITO?

Há poucos dias recebi uma carta interessante, escrita por Olga Lucia Álvarez Benjumea, da Colômbia. Na qual dá seu testemunho de como sente e vive o ministério sacerdotal católico que recebeu.

Quero compartilhar umas breves reflexões sobre este tema importante.

Estou de acordo que o ministério feminino é um dom para o serviço, para todos sem exclusão, especialmente para os desprovidos e excluídos. Dom recebido igual como os homens no batismo, o qual conferiu a graça de Deus de serem sacerdotes, profetas e reis.

Creio que este dom foi con-



cedido por Deus gratuitamente, e por sua vontade divina nos elegeram para a missão do serviço. Assim como elegeram Rebe-

ca, Sara, Esther, Débora, Judith e a todas as mulheres que acompanharam Jesus durante sua vida pública e o assistiram em sua morte e ressurreição.

Igualmente, quando o Anjo Gabriel visitou Maria e lhe disse: "Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo; não temas, Maria, porque encontraste o favor de Deus" (Lc.1, 26-30).

Precisamente, o dom é o favor de Deus para ti, Olga Lucia, que junto com tuas companheiras tens sido eleita para "abrir portas", como disse o papa Francisco na recente conversação que teve com os dirigentes da Congregação de religiosos da América Latina e Caribe

Vocês estão fazendo ponta de lança na renovação da Igreja e na luta contra o reino do mal, que ataca o plano do reino de Deus. E porque o trabalho de vocês é uma missão de evangelização que enriquece o povo de Deus.

Estou também de acordo que é absurdo que através do canon 1024 do direito canônico se negue às mulheres este dom. No livro IV do código trata da função de santificar da Igreja, no título VI que trata da ordem, capítulo II, dos ordenandos, diz: "só o varão batizado recebe validamente a sagrada ordenação". Acaso a mulher também não recebe o mesmo dom no batismo, como eu já disse acima, a graça que concede a grande missão de sermos sacerdotes, profetas e reis neste mundo?

Considero que a admissão das mulheres ao sacerdócio e a abolição da lei do celibato obrigatório dos presbíteros serão um benefício para o Povo de Deus, o qual será melhor atendido através da promoção humana e da evangelização.

Quito 1º de Julho 2013

Mario Mullo Sandoval
mariomullo@yahoo.com
Tradução de Giba



www.padrescasados.org

Associação Rumos

Movimento Nacional das Famílias dos Padres Casados

UM CONCÍLIO DE TODA A CRISTANDADE?

Celebramos 50 anos da morte do Papa João XXIII (1881-1963), seguramente o Papa mais importante do século XX. A ela se deve a renovação da Igreja Católica que tentou definir o seu lugar dentro do mundo moderno.

No dia 25 de janeiro de 1959, sem avisar a ninguém, declarou diante dos Cardeais estupefatos, reunidos na abadia beneditina de São Paulo junto aos muros, que iria convocar um Concílio Ecumênico. Por sua própria conta havia feito um juízo crítico sobre a situação do mundo e da Igreja. Percebera que estávamos diante de uma nova fase histórica: a fase do mundo moderno com sua ciência, técnica, com suas liberdades e direitos. A Igreja precisava situar-se positivamente dentro deste fato emergente. Até então a atitude era de desconfiança e de condenação. O Papa entendeu que este comportamento levava a Igreja ao isolamento e à estagnação para seu próprio dano e para dano de sua missão no mundo.

Ele repetiu a velho dito: "vox temporis vox Dei" ("a voz do tempo é a voz de Deus"); "isso não significa", disse ele, "que tudo no mundo, assim como se encontra, representa a voz de

Deus; significa que tudo carrega uma mensagem de Deus, se boa para ser seguida, se ruim para ser mudada".

Efetivamente, o Concílio Vaticano II se realizou em Roma (1962-1965); o Papa o abriu mas morreu antes de sua conclusão (1963). Seu espírito, entretanto, marcou todo o evento, com consequências até os dias de hoje.

Dois eram seus mottos principais: *aggiornamento* Concílio pastoral. *Aggiornamento* é dizer: sim para o novo, sim para a atualização da Igreja em sua linguagem, em sua estrutura e em sua forma de se apresentar no mundo. Concílio pastoral queria exprimir uma relação para com as pessoas e para com o mundo de abertura, de diálogo, de acolhida e de fraternidade. Portanto, nada de condenações do modernismo e da "nouvelle théologie" como se fizera furiosamente antes. Em vez de doutrinas, diálogo, mútuo aprendizado e trocas.

Talvez esta afirmação de João XXIII resuma todo o seu espírito: "A vida do cristão não é uma coleção de antiguidades. Não se trata de visitar um museu ou uma academia do passado. Isto, sem dúvida, pode ser útil - como o é a visita aos monumentos antigos - mas não é



suficiente. Vive-se para progredir, embora tirando seu proveito das práticas, e mesmo das experiências do passado, para ir sempre mais longe na trilha que Nosso Senhor nos mostra".

De fato, o Concílio colocou a Igreja dentro do mundo moderno, participando de seus avatares e de suas conquistas. A Igreja da América Latina logo percebeu que não havia apenas o mundo moderno; mas, o submundo sobre o qual pouco se disse no Concílio. Em Medellín (1969) e Puebla (1979) viu-se

que a missão da Igreja no submundo, feito de pobreza e de opressão, deve ser de promoção da justiça social e de libertação.

Passaram-se já 50 anos do Concílio. O mundo e o submundo mudaram muito. Surgiram novos desafios: da globalização econômico-financeira e a consequente consciência planetária, a dissolução do império soviético, as novas formas de comunicação social (internet, redes sociais e outras) que unificaram o mundo, a erosão da biodiversidade, a percepção

dos limites da Terra e da possibilidade de extermínio da espécie humana e com ela do projeto planetário humano.

Só com as categorias do Concílio Vaticano II não daremos mais conta desta nova realidade ameaçadora. Tudo aponta para a necessidade de um novo Concílio Ecumênico. Agora não se trata apenas de convocar só os bispos da Igreja Católica. Face aos perigos que nos ameaçam, todo o Cristianismo.

Leonardo Boff
leonardoboff.wordpress.com

HIPNOSE CURA?

Hipnose é, hoje, uma ciência reconhecida pela medicina, odontologia, psicologia, psicanálise e outras ciências. Fiz cursos, assim como ministrei cursos de hipnose, onde profissionais da saúde buscam conhecer este saber que tanto influencia a mente humana, inclusive com reprogramações de traumas profundos.

Há duas formas de conhecimento da hipnose: a de

palco e a clínica. A primeira serve para demonstrar o poder da mente humana inconsciente. É a forma que desperta curiosidades, mitos e alegrias. É o lado humorístico da hipnose. A segunda é o lado sério da hipnose. É sua dimensão científica, que estuda a mente com o objetivo de libertar as pessoas de traumas inconscientes. A sua importância é tornar possível o acesso ao inconsciente, por

regressão, indo às causas dos sintomas. Chegando-se às causas, faz-se a ressignificação das mesmas, eliminando-se os sintomas, podendo, então, acontecer cura.

Hipnose acontece por motivação, relaxamento, sensibilidade e sugestões com imaginações. Ela implica a dissociação entre o consciente e o inconsciente, ou seja, sair do foco racional, lógico e entrar no imaginário, no mundo da imaginação. O segredo é que o inconsciente não faz a distinção entre a realidade e a imaginação. A imaginação é real no inconsciente. Por isso, hipnotizada, a pessoa é capaz de comer uma cebola e sentir gosto de uma maçã. A imaginação é mais forte que a vontade. Ora, se a mente inconsciente tem esse poder, pode ressignificar traumas. Pode curar.

O hipnólogo cura? Ele não tem nenhum poder de cura. Como, então, esta acontece? Toda hipnose é auto-hipnose: A pessoa recebe a sugestão e a sua mente passa a executá-la. Isto é possível por a mente inconsciente ser autocurativa: Ela gera o problema e o refaz através de sugestões adequadas à situação. O que é necessário para isso? Que a pessoa acredite no que está vivenciando. Não há mudança sem crença. É fundamental acreditar no hipnólogo e nas sugestões apresentadas. Na técnica hipnótica chamada ponte humana, por exemplo, a pessoa a vivencia quando, a partir da sugestão de que vai virar uma barra de ferro, ela se imagina, acredita e se sente virando uma barra de ferro. Só assim é capaz de ficar dura entre duas cadeiras. Portanto,

para haver cura em hipnose, são essenciais crença e emoção juntas. A tarefa do hipnólogo é ser um guia nas sugestões e, assim, a mente da pessoa passa a reprogramar-se, acolhendo novas perspectivas de vida. Conheça este fantástico poder da mente.



Luciano Sampaio
Psicanalista e hipnólogo

FALECIMENTO

Dia 30 de junho faleceu em Maringá PR o Padre. casado Aristeu Barbosa da Silva.

Frequentou o grupo dos Padres casados por algum tempo. Tinha 64 anos. Morava sozinho. Foi encontrado morto por um vizinho.

Envia Antônio F. Zancanaro
anfrezza@uol.com.br

MFPC CEARÁ PLANO DE AÇÃO 2013-2014

Em reunião realizada no dia 20 de julho último foi montado por todos o "PLANO DE AÇÃO PARA O BIÊNIO 2013-2014". Desejamos desenvolver trabalhos em cinco frentes, sendo que cada uma delas tenha uma equipe responsável, formada por três pessoas ou casais. Este plano de ação deverá ser reavaliado em 2015.

FORMAÇÃO PERMANENTE / A NOSSA ESPIRITUALIDADE

O Encontro Nacional de junho/julho de 2012 seguiu as seguintes etapas:

- pré-encontro: estudo de textos referentes ao tema;
- o próprio encontro: palestras e debates;
- pós-encontro: discutir e aprofundar encaminhamentos do encontro; desencaixar ações concretas; provocar novas reflexões e ações.

Como concretizar estas idéias propositivas para o pós-encontro?

Vida e fé caminham de mãos dadas. Todas e todos nós precisamos nos enriquecer e fortalecer, mutuamente e em conjunto, alimentando a nossa espiritualidade.

Há práticas alternativas de nos encontrarmos em momentos de reflexão em comunidade?

EQUIPE: Rosa e Gil, Socorro e Dourado, Claudete e Geraldo, Brandão

CHAMAR NOVOS PARTICIPANTES PARA O MFPC

É desejo de todas e de todos que haja mais participantes ativos nos encontros e em outras atividades do MFPC-Ceará.

Como atrair novos casais para fortalecer e, ao mesmo tempo, rejuvenescer o MFPC-Ceará?

EQUIPE: Lucia e Edson, Ester Mota, Margarida e Aroldo, Homéria e Luciano

VIDA SOCIAL

Procurar meios e planejar momentos a fim de promover encontros que têm por finalidade nosso encontro como amigos e amigas de uma mesma família

Quais encontros/atividades podem ser propostos?

EQUIPE: Rosa e Carlos, Mirian Frota, Wilma e Venceslau, Rejane e Pepé, Luana e Wodson

O MFPC DE DENTRO PARA FORA

Desejamos apresentar-nos mais para fora, tanto no âmbito da Igreja, como na sociedade em geral através de comunicações, entrevistas, publicações, seminários, etc.

Como concretizar isso?

EQUIPE: Lourenço e Cecília, Enoch e Fátima, Elmas, Carlos

REUNIÃO DA DIRETORIA DO MFPC

Em 08-09-2013 reuniu-se a Diretoria do MFPC em Fortaleza, debatendo diversos assuntos:

1) Angariar dinheiro para a continuidade do jornal Rumos impresso.

2) Temas de interesse para o XX Encontro Nacional de Curitiba

3) Data da reunião preparatória para o XX Encontro.

4) Nova conta da AR no Banco do Brasil.

Os detalhes constarão no site www.padrescasados.org



JORNAL RUMOS PEDE SOCORRO

Lamento comunicar que nosso jornal RUMOS está em situação crítica e pede socorro.

A tesouraria de nossa Associação - AR - comunicou-me que dispõe de fundo financeiro apenas para esta edição e a de novembro.

Para 2014 está duvidosa e praticamente impossibilitada a continuidade de nosso jornal!

Eu tenho feito repetidos apelos aos assinantes do jornal impresso e leitores do jornal eletrônico pela "campanha do mais um". Mas quase inutilmente.

A esperança é que neste final de ano os amigos assinantes e leitores

do jornal RUMOS e do site dos padres casados renovem suas assinaturas (quem já é), tornem-se assinantes (quem não é), e conquistem mais alguns assinantes entre parentes e amigos.

É um belo e barato presente de Natal para si mesmos e para amigos e/ou familiares (40,00).

Confesso - sem falsa modéstia - que minha esposa e eu conseguimos 16 assinantes em um ano.

Só assim nosso querido jornal sobreviverá em 2014.

Giba (Gilberto, editor do jornal) gilgon@terra.com.br

DIA DE FINADOS

O Dia de Finados é o dia da celebração da vida eterna das pessoas queridas que já faleceram. É o Dia do Amor, porque amar é sentir que o outro não morrerá nunca.

É celebrar essa vida eterna que não vai terminar nunca. Pois, a vida cristã é viver em comunhão íntima com Deus, agora e para sempre.

Desde o século 1º, os cristãos rezam pelos falecidos; costumavam visitar os túmulos dos mártires nas catacumbas para rezar pelos que morreram sem martírio. No século 4º, já encontramos a Memória dos Mortos na celebração da missa. Desde o século 5º, a Igreja dedica um dia por ano para rezar por todos os mortos, pelos quais ninguém rezava e dos quais

2 de novembro Dia de Finados



faça uma homenagem aos entes queridos

ninguém se lembrava.

Desde o século XI, os Papas Silvestre II (1009), João XVIII (1009) e Leão IX (1015) obrigam a comunidade a dedicar um dia por ano aos mortos.

Desde o século XIII, esse dia anual por todos os mortos é comemorado no dia 2 de novembro, porque no dia 1º de novembro

é a festa de "Todos os Santos".

O Dia de Todos os Santos celebra todos os que morreram em estado de graça e não foram canonizados. O Dia de Todos os Mortos celebra todos os que morreram e não são lembrados na oração.

Mons. Arnaldo Beltrami arquiocese-sp.org.br

HUMOR

Às tantas da noite, o padre passa perto de um cemitério e apanha um grande susto quando ouve:

- HUUUUUM, huuuuuum, huuuum!

O padre pára, reza um Pai Nosso, faz o sinal da cruz, enche-se de coragem e pergunta:

- Do que essa pobre alma está a precisar?

- Papel higiêêêênico!!!

